

Verum Agathae - Contos da Vida Agatina

Introdução

Como todo Catanense que se preze, cresci sob esta figura materna que é Santa Ágata. Ela está sobre Catânia e, assim como o Etna, a domina: bela e indomável, ferosa e rebelde, sugestiva e protetora. Desde pequeno desejei conhecer mais sobre esta figura da qual, na verdade, pouco se sabe; a história nos transmitiu os atos do martírio, alguma lenda e estudos feitos retroativamente a partir deles. Li muitos livros, vi muitas imagens, rezei a ela, invoquei-a, sonhei com ela. Fechando os olhos, podia até ouvi-la falar. Como era a tua vida, Ágata? O que fazias? O que dizias? Tinhas amigos? Alguém a quem amavas? Comecei a escrever estes contos sem pensar muito, simplesmente fechando os olhos. E, de ano em ano, cheguei até hoje com a decisão de torná-los públicos. Na realidade, eu já o tinha feito, publicando-os todas as quartas-feiras na coluna "Verum Agathae" na nossa página do Facebook "Agatha", obtendo até um discreto sucesso. Mas nas redes sociais, sabe-se, coisas muito longas não funcionam bem e, portanto, em certo ponto interrompi as publicações. Foi um e-mail nos dias passados de um certo Filippo (a quem sou muito grato), fascinado por estes contos, que me convenceu a retomá-los, reuni-los e criar uma espécie de E-Book gratuito para quem quisesse lê-los. Isso também me fez pensar que, além de ter recebido o encorajamento da pessoa que amo, Floriana, de alguma forma recebi também a aprovação da protagonista destes contos. E se isso chegou num período um pouco tumultuado da nossa vida, em que a doença bateu à nossa porta e nos encontramos fora da cidade para tentar domá-la, talvez haja um sentido: O retorno às origens. Para quem estiver se perguntando como interpretar estes contos, quero responder como respondi a Filippo, convidando-os a refletir sobre o que é verdadeiramente importante quando se lê um texto espiritual. Não é, talvez, o fruto que deixa no nosso coração? Não é, talvez, a capacidade de nos aproximar de Deus e dos seus santos? Não é, talvez, a alegria de descobrir a sua infinita misericórdia e o seu amor por nós? O próprio Jesus nos ensinou a reconhecer os falsos profetas pelos seus frutos: "Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus" (Mateus 7,16-17). Se os frutos são bons, então devemos acolher a mensagem que nos é transmitida, sem nos preocuparmos muito com a sua origem. Se os frutos são maus, então devemos rejeitar a mensagem e não nos deixar enganar pelas aparências. Com a esperança de que estes contos possam deixar uma semente boa nos vossos corações e possam ajudar-vos a aprofundar a curiosidade por esta mulher maravilhosa, desejo-vos uma boa leitura e que Deus vos abençoe.

Pax et Bonum Para maior glória de Deus e em sufrágio das almas do purgatório.

Gaetano S. Puglisi

1. Nomen Omen

"Ágata, Ágata, onde você está?" A voz vem de um homem alto e magro que anda por um prado, é Rao, o pai de Ágata! Uma menina aproxima-se com um coelhinho nas mãos: "Olha, olha que lindo, não teve medo, deixou-se pegar como se já me conhecesse!" "Ágata, meu tesouro, você nos assustou, por que saiu assim sem dizer nada?" "Eu o tinha visto escondido atrás da grama, papai, queria fazer carinho nele." Surge uma mulher mais baixa, mas também longilínea: "Rao, você a encontrou?" "Sim, estava aqui com um novo amigo..." E aponta para Ágata, que entretanto está libertando o animalzinho. Ágata é bochechuda, com longos cabelos castanhos muito ondulados que caem livres sobre os ombros, não tem um penteado particular e o seu vestir é muito simples; o seu porte é elegante, altivo e seguro. "Ágata, quantas vezes eu te disse para não nos preocupar? Eu e teu pai estávamos aflitos." Mas a atenção de Ágata já estava em outro lugar... "Ah, mamãe, você também está aqui? Olha esta pequena abelha, como trabalha nesta flor, qual é a tarefa dela, papai?" Apolla, a mãe de Ágata, a interrompe: "Que levada!! Não farás nada na vida, sempre com a cabeça nas nuvens olhando o céu, as flores, as borboletas, já tens oito anos, deves pensar na tua educação!" Rao interrompe a esposa: "Mas deixa-a em paz, a quem ela está fazendo mal?" "Você é permissivo demais, por isso ela é assim, é preciso disciplina! Somos cristãos, achas que Jesus Cristo ficava olhando as florzinhas ou com a cabeça nas nuvens?" "Mas se é Ele mesmo quem convida a olhar os pássaros..." "Sim, mas não a deixar-se distrair por eles." Neste ponto, Ágata aproxima-se da mãe: "Mamãe, tudo isto foi Deus quem criou?" "Sim, querida, foi Ele quem criou." Ágata para, olha a paisagem e continua: "Enquanto estátuas, casas, livros, roupas e todas as coisas que me tornam uma boa menina foram criadas pelo homem?" Apolla: "Sim, por quê?" É interrompida por Ágata: "Mas então eu estou olhando o que Deus me deixou e Deus me tornará ainda mais instruída e sábia do que o homem." "Sim, mas isso não significa que..." é interrompida novamente pela risada estrondosa de Ágata, que se afastara sem nem lhe dar tempo de responder: "Olha que lindo..." diz enquanto traz um filhote de cachorro que ouviu chorar, encontrando-o escondido numa árvore. "Onde está a mãe dele?" "Provavelmente está procurando por ele como nós procurávamos por você", brinca Rao. "E se for órfão?" "Não, Ágata, nem tente", interrompe Apolla. "Podemos ficar com ele? É tão indefeso!" "Que seja", diz Rao, "Mas terás que dar-lhe um nome e terás que cuidar dele." Ágata olha melhor para verificar o sexo do animal e compreende que é uma fêmea: "É uma pequena menina, vou chamá-la de... vou chamá-la de... Ceres." "Ceres?" Diz Apolla. "Por que dar um nome pagão a um cachorro?" "Porque eu gosto!" "Ágata, escuta-me, eu quero que vás para o céu, mas para ir deves comportar-te como cristã, deves demonstrar amar Jesus e não o estás fazendo." "Mas uma criatura Dele chorava, eu a salvei, por que Ele deveria se preocupar com o nome que eu dou? Que diferença faz se se chama Ceres, Ágata ou Pancrácio?" "Nomen Omen, eu gostaria que o teu nome estivesse entre os notáveis desta cidade, que faças um nome entre os cristãos." "O teu desejo pode realizar-se de forma diferente do que crês", diz amorosamente Rao. "É uma conspiração contra mim! Rao, tu és responsável pela educação diante de Deus da tua filha, deves criá-la como cristã, não como pagã!" "Não podes julgar a educação de uma menina, Deus a julgará quando chegar o momento dela! Os caminhos Dele não são os nossos caminhos." Depois vira-se para Ágata: "Ceres deve estar com fome, vamos para casa dar-lhe algo para colocar no estômago." E foram embora os três, voltando para casa.

2. Uma escolha que muda a vida

Num cenário envolto na escuridão das profundas catacumbas, uma jovem Ágata emerge do mistério da sombra. Tinha cerca de quatorze anos e o seu rosto refulgia na tênue luz emanada por uma vela que acompanhava o seu caminho. Avançava com passo medido e o olhar absorto em pensamentos profundos, quase como se estivesse comunicando com o divino através do silêncio das suas meditações. O caminho de Ágata conduziu-a a uma pequena sala, onde a esperava um homem de hierarquia eclesiástica, reconhecido imediatamente como o bispo de Catânia. Ao lado dele, outras figuras pertencentes à comunidade cristã aguardavam com respeito e expectativa. Ágata saudou-os com um sorriso que refletia uma familiaridade já existente. Era claro que já havia abraçado a fé através do sacramento do batismo e da crisma, preparando-se para o passo que estava prestes a dar. O bispo aproximou-se dela com delicadeza, as palavras escolhidas com cuidado no eco da sua voz. "O passo que estás prestes a dar é de extraordinária importância. Quando se abraçam os votos divinos, o caminho torna-se irrevogável. No entanto, ainda estás a tempo, Ágata. Refletiste sobre esta escolha? Tens certeza de que queres fazer isso?" Sem hesitação, Ágata respondeu com firmeza: "Sim, é o meu desejo." O bispo ofereceu-lhe um gesto de afeto, pousando um beijo na sua testa, acompanhado de uma bênção carregada de significado. A luz trêmula da vela parecia dançar ao redor deles, como se o próprio universo celebrasse aquele momento único. Logo, a atmosfera transformou-se numa liturgia sagrada. Após a comunhão eucarística, o bispo convidou Ágata e outras jovens almas desejosas de se consagrarem a Deus a unirem-se a ele. No coro de vozes silenciosas, Ágata estava presente com um olhar humilde, mas gravado por uma determinação profunda. Era como se o seu coração já estivesse em comunhão com o divino, uma oração constante que se estendia através de cada respiração. A bênção do bispo caiu sobre elas, como uma luz que irradia através da escuridão. O véu foi pousado com respeito sobre a cabeça de Ágata e das outras jovens, um símbolo de devoção e compromisso. O bispo dirigiu-se a elas, pronunciando palavras de significado eterno: "Deus confiou a vós uma tarefa de importância extraordinária. Sede o sal que dá sabor ao mundo, sede a luz que guia os vossos irmãos e irmãs. Sede o fogo do amor ardente, carregando com dignidade o véu que representa a vossa dedicação." Concluindo a cerimônia, os presentes desfizeram-se em oração e reflexão. Ágata ajoelhou-se diante de uma cruz de madeira, o coração cheio de gratidão e devoção. Naquele momento de intimidade com o divino, ela pronunciou palavras que refletiam a sua confiança incondicional: "Confiei o meu corpo nas mãos do Senhor. Se a Sua vontade tivesse tomado um caminho diferente, eu a teria acolhido com humildade. No entanto, sentia que este era o percurso que Ele havia traçado para mim. O meu propósito era tornar-me a esposa de Jesus, totalmente Sua, e somente Dele."

3. Apolônia - A primeira devota

A história de Apolônia, querida amiga de Ágata, desenrola-se através de uma vida marcada por sofrimentos e amor, uma jornada espiritual que a conduziu a elevados cumes de santidade. No seu exemplo, encontramos uma via para emular a sua simplicidade e aceitar com confiança o que a vida nos oferece, cumprindo assim a vontade do Senhor. Nascida filha de escravos ligados a ricos proprietários de terras, Apolônia compartilhava um vínculo profundo com Ágata, que ia além das convenções sociais. Enquanto o seu pai era um laborioso escravo agricultor, a sua mãe servia como dama de companhia à senhora da casa. Apolônia trazia consigo desde o nascimento um defeito físico no pé, uma claudicação que acompanharia cada passo da sua existência. A infância de Apolônia transcorreu na pobreza característica das escravas. Com os pais constantemente empregados no serviço dos seus senhores, as atenções para com ela foram limitadas. Essa falta de afeto atingiu-a profundamente. Na tenra idade de oito anos, a perda do seu pai, resultado do trabalho exaustivo e muitas vezes desumano, deixou um vazio no seu coração. Os senhores intensificaram as tarefas atribuídas à mãe, e sobre Apolônia descarregaram as frustrações da sua dor, atormentando-a pela sua lentidão devido à sua deficiência física. A tragédia atacou novamente quando a senhora da casa adoeceu e morreu, levando consigo também a mãe de Apolônia. Ficando órfã com apenas dez anos, Apolônia viu-se à mercê do senhor da casa, um homem cruel que a atormentou e maltratou pela sua dor pessoal. A sua existência tornou-se um inferno, até que o senhor decidiu vendê-la. A venda de Apolônia foi o passo seguinte, trazendo consigo uma pontada de temor e incerteza. O pai de Ágata, vislumbrando uma esperança, comprou Apolônia. Inicialmente desconfiada e desiludida, Apolônia encontrou na doçura e no amor de Ágata a luz que iluminaria o seu caminho. Foi Ágata quem lhe apresentou Cristo e a conduziu para fora da concha protetora na qual se havia retirado. Através do vínculo com Ágata, Apolônia abraçou uma vida dedicada ao próximo, superando as barreiras da desconfiança. Os anos passaram e Apolônia e Ágata compartilharam cada desafio e alegria. A morte do pai de Ágata marcou um período difícil para ambas, mas a fé manteve-as fortes. A fé que haviam desenvolvido guiou-as através de provações adicionais, pois a lei exigia que o irmão do pai de Ágata cuidasse delas. No entanto, o amor, a maturidade e a força espiritual de Apolônia continuaram a crescer. Após o interesse de Quinciano por Ágata, ambas fugiram para San Giovanni Galermo, procurando refúgio num local de espiritualidade. Aqui, Apolônia enfrentou o desafio de crescer, oração após oração, entre momentos de melancolia e alegrias. No decorrer do ano, o martírio de Ágata trouxe uma nova onda de luto, mas a fé de Apolônia permaneceu firme. Apolônia cuidou da mãe de Ágata até a sua morte, mas logo teve que enfrentar novos desafios como mulher livre. Através do bem que praticava, conheceu Alessandro, um homem no cárcere, e com amor e orações, obteve a sua liberdade. Os dois casaram-se e viveram com dedicação e amor, dando à luz sete filhos. A vida de Apolônia não foi sem dor e tribulação. Lutou com doenças, responsabilidades e sofrimentos, mas a sua fé permaneceu firme. Apolônia viveu uma vida de oferta silenciosa e oração, aliviando os sofrimentos dos outros enquanto enfrentava os seus próprios. A sua morte chegou após anos de batalha contra uma doença debilitante. No momento da sua transição, Apolônia salvou pecadores através das suas orações e do seu sacrifício, alcançando o paraíso com o coração puro e a alma em paz. Apolônia ensina-nos que a grandeza espiritual não reside nas ações extraordinárias ou na importância social, mas em aceitar confiantemente o plano de Deus e em oferecer cada aspecto da nossa vida. A sua fé incondicional e a sua simplicidade são um farol para aqueles que desejam seguir o caminho do amor e da devoção.

"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." Apolônia, com o seu coração sincero e a sua confiança, encarna esta bem-aventurança, mostrando que o caminho para a santidade pode ser simples, mas profundamente significativo.

4. Coloque amor onde não há amor e encontrarás amor.

Como já foi dito, Apolônia era uma escrava que pertencia a um senhor muito cruel; costumava torturá-la e espancá-la, muitas vezes abusava dela também fisicamente. O tratamento que esta moça recebeu, especialmente após a morte da esposa do senhor, foi verdadeiramente desumano, mas naqueles tempos os escravos eram considerados "coisas" e estavam sujeitos aos caprichos e à vontade das pessoas. O senhor de Apolônia, Marcellus, e o pai de Ágata, Rao, conheciam-se; um dia mandou chamá-lo para discutir negócios; portanto, Rao encontrou-se na casa de Marcellus. Ambos foram servidos por Apolônia, que estava visivelmente em mau estado. Ela, que sofria de uma claudicação congênita, além disso não dormia há dias, era obrigada a comer limitadamente, uma vez ao dia, e era frequentemente espancada, chicoteada e torturada. Rao teve compaixão, mas conhecendo o caráter megalomaniaco do amigo não o repreendeu; estudou bem as suas palavras para tirá-la de lá e disse: "Estou interessado na tua escrava, vende-me ela?" E Marcellus: "Amigo meu, aquela era a escrava da minha esposa, mantenho-a por piedade, não vale muito." "Tudo bem, significa que me farás um desconto." "Não te convém levá-la, é manca." "Não temas, não a farei realizar trabalhos pesados, quero que seja companhia para a minha filha Ágata." "Devo te dizer, porém", disse Marcellus, "que está ferida, causa de justas punições, não é mais virgem porque é uma ótima concubina e tem a minha marca já impressa." Dizendo isso, levantou-se, despiu-a e mostrou um "M" estampado a ferro no seu peito. Rao disse: "Todas coisas que farão baixar o preço." "Não desistes, hein? Vê-se que és um ótimo comerciante." "Tu deixaste a tua escrava assim, não eu, não é justo que eu pague o preço cheio." Com esta encenação, Rao levou consigo naquele mesmo dia Apolônia sem nada, porque o senhor a deixou sair apenas com as roupas, por pouco dinheiro. Na viagem, Rao dirigiu-se a Apolônia e disse: "Não temas, na minha casa estas violências não existem." E Apolônia: "Meu Senhor, estou ao vosso comando, o que quiserdes fazer de mim, fazei." "Nada", disse Rao. "Serás amiga da minha filha, Ágata, é uma menina muito boa, tenho certeza de que te restituirá respeito e dignidade." Apolônia disse: "Para servi-la." Rao disse: "Desejo realizar um desejo teu antes de iniciares o teu serviço, o que desejas?" Apolônia ficou surpresa com a pergunta insólita, ninguém nunca se preocupara com os seus desejos, mas respondeu: "Estou muito cansada, senhor, dormi pouco nestes dias e enfrentei trabalho duro; se não peço muito, desejaria descansar; com a energia plena poderei servi-la como ela merece." Rao disse: "Está bem, vou te apresentar à minha filha e depois poderás descansar, pela primeira vez todo o tempo que quiseres, e quando quiseres acordar, acordas." Voltaram para casa. Acolheu-os Apolla, a esposa de Rao, e disse: "Quem é?" E Rao: "Peguei-a de Marcellus, gostaria que se tornasse companheira de Ágata, já é grande, deve ter a responsabilidade de uma vida humana." Apolônia ficou surpresa ao ser definida como "vida humana" e não "coisa", e ficou ainda mais surpresa ao pensar que tinha sido levada para responsabilizar a filha. Certamente, hoje isso pode fazer pensar num cachorrinho, mas para a

época esta afirmação era muitíssimo, especialmente se pensarmos no tratamento que recebera anteriormente. Foram para o quarto de Ágata, que estava estudando passagens de Platão; não tinha ouvido a chegada do pai, de costume corria ao seu encontro festosa, era realmente apegada a ele. O pai chamou-a e disse: "Esta é Apolônia, desejo que seja tua amiga." Apolônia espantou-se mais uma vez com o termo "amiga" referido a ela. Ágata olhou-a atentamente, estava ferida, e disse: "Apolônia, sinto-me honrada em ter-te entre os meus amigos." Honrada? Por uma serva? Apolônia estava desconcertada. Rao continuou: "Prometi deixá-la descansar um pouco, então por agora dormirá; quando acordar estará ao teu serviço." Apolônia foi dormir, descansou por 24 horas seguidas, antes de ser acordada por uma Ágata preocupada e iniciar uma longa amizade que prossegue nos séculos.

5. Todos precisamos ser perdoados

Ágata perguntou: "Alguma coisa errada?" Apolônia calou-se. Uma jovem Ágata e a sua amiga Apolônia estavam em oração, ajoelhadas diante da lamparina a óleo, recitavam as orações de rito, e depois, revezando-se, orações espontâneas. Quando chegou o momento dos agradecimentos, Ágata disse: "Agradeço-te, Senhor, pelo dom de Apolônia, minha irmã, fiel amiga, enche-a de bênçãos, agradeço-te por tê-la colocado ao meu lado num momento de tamanha dor como a partida de meu pai... Não sei como teria feito sem a sua consolação...". Apolônia olhou para baixo; chegou a sua vez de agradecer, mas não disse nada. Novamente Ágata: "Estás mal? Posso ajudar-te?" Ainda silêncio. Apolônia continuava de cabeça baixa. Ágata então tocou-lhe os cabelos; nesse ponto, Apolônia desabou em choro e agarrou-se ao pescoço de Ágata chorando, disse: "Perdão, perdão... Perdão... Pequei...". Ágata olhou para ela: "Não sou eu quem perdoa os pecados...". Apolônia continuou a dizer: "Perdão, perdão", enquanto Ágata retribuía o abraço e a apertava contra o peito. Ágata não perguntou nada, naquele momento seria inútil. Apolônia continuava a chorar ininterruptamente repetindo a palavra "perdão". Quando, abraçada ao peito de Ágata, pouco a pouco se acalmou e o choro cessou, Ágata perguntou-lhe: "O que acontece?". Apolônia desgrudou-se do peito, enxugou o rosto e disse: "Pequei contra ti... Perdoa-me". Ágata respondeu: "Eu não tenho nada a desculpar, tu não me fizeste nada, pelo contrário...". Apolônia colocou a mão sobre a boca dela como sinal para calar e tomou a palavra: "Quando vim para cá, vinha de um passado difícil, o meu antigo senhor tratava-nos verdadeiramente mal, tu sabes...". Ágata assentiu. "Eu tinha muita desconfiança em vós e nos homens em geral... E achava difícil que um rico pudesse considerar como 'da família' alguém como eu... Inútil escrava...". Parou de novo. Ágata assentiu, não a apressou, não tinha pressa. "Tu me pregavas um DEUS que para mim não tinha motivo de existir... Eu dizia a mim mesma: é fácil acreditar num DEUS bom e belo quando se tem tudo... Um DEUS que é amor quando não falta nada... Dizia: daria a estes um dia da minha vida passada, e vejamos se pensam igual...". Recomeçou a chorar. Ágata silenciosamente mantinha-a no seu abraço. Até que Apolônia voltou a falar: "Vi as vossas ações, nestes dois anos que estou aqui, totalmente diferentes do meu antigo senhor... A tua amizade conquistou o meu coração, de fato eu te amo muitíssimo, Ágata... Mas em muitos momentos eu dizia a mim mesma: Apolônia, não sejas tola, desde quando um senhor quer bem

a um servo? Irão trair-te e maltratar-te quando acabarem de se divertir contigo... E assim eu me afastava de ti... Tinha medo...". Apolônia fez uma pausa. Ágata ainda estava silenciosa e séria no rosto. As suas vestes eram certamente elegantes, e ela era muito bonita, porém ao mesmo tempo destacava-se a sua simplicidade e não usava joias particulares, que dizia frequentemente detestar pois "O corpo é belo assim como Deus no-lo deu, sem adições particulares". O seu aspecto jovem emergia claramente do rosto, embora demonstrasse ser mais velha que a sua idade também no comportamento; a sua maturidade era tal que sustentava o choro e a confiança de Apolônia. Apolônia, ainda soluçando, prosseguiu com o seu discurso: "E depois... teu pai se foi... Eu... eu o amava profundamente... Ele ofereceu-me ajuda... Mas vi como viveste essa dor... Sofreste... Tinhas um grande afeto por ele... Ele te deu tudo... Foi um exemplo para ti, vocês têm muitas semelhanças de caráter... A força dele está em ti...". Continuava a elogiar a semelhança de caráter entre Ágata e o pai. Ágata não conseguiu conter as lágrimas ao pensar no pai; no entanto, esforçou-se para manter a compostura e permaneceu concentrada na amiga, que prosseguiu: "Vi como tu reagiste à morte dele... Sofreste muito... Sofres até agora muito... Para ti ele era um pilar". Ágata interrompeu-a e disse: "Ainda o é...". Apolônia esboçou um pequeno sorriso: "Sim, ainda o é, Ágata... O ponto é que aqui te vi na tua fraqueza de mulher, vi-te como eu. Entendi que não és diferente de mim e impressionou-me muito que tu tenhas confiado em mim... Choraste comigo e te apoiaste em mim". Parou. Ágata disse: "Não devia?". Apolônia respondeu: "Fiquei feliz com isso, mas tentada... Verás, eu dizia a mim mesma: quando acabar a dor, acaba a amizade, os ricos são todos iguais... E os ricos cristãos são ainda piores... Sentia-me atraída pelo teu DEUS, mas Ele me dava medo". Ágata olhou-a diretamente nos olhos, como era seu hábito quando discutia, pois sustentava que direto nos olhos pode-se ler a alma das pessoas; há quem tenha medo, há quem ame viajar através das almas. Com extrema calma disse à amiga ainda: "Estou ouvindo." Apolônia, ainda em lágrimas, disse: "Até hoje... Hoje agradeceste expressamente a DEUS por mim... Por mim... Eu... Sem importância... Eu insignificante... Eu inútil... Eu... Com limitações... Eu... Por que fizeste este gesto? O que mereço?... Mas sou realmente tua amiga? Tua irmã como disseste? Sou apenas uma refém? Eu... Eu...". Recomeçou a chorar, mas não parou de falar: "E ninguém poderia ter sustentado uma dor semelhante como a sustentaste tu, se DEUS fosse uma mentira de ricos...". Ágata a fitava, tocava-lhe apenas os cabelos até que Apolônia disse: "Não dizes nada?". Só então Ágata falou com a voz embargada pela emoção: "Quando meu pai se foi, sofri tanto, e ainda sinto muita falta dele... Humanamente é assim, mas sei bem que espiritualmente ele está perto de mim como e mais do que qualquer outro... Ninguém nunca esteve mais perto de mim do que ele, além de Jesus. Mas sofri por ele, sinto falta da sua voz, dos seus passos, das suas histórias... Das suas repreensões... Sinto falta das suas ternuras, sinto falta de tudo nele...". Desta vez foi Apolônia a acariciar-lhe o rosto e a dizer-lhe: "Nunca te toquei até agora... Sempre tive medo... Eu sou uma...". Ágata disse: "Tu és uma mulher, Apolônia, e basta... Para DEUS é isso que és... Tu te defines escrava... E meu pai era um nobre? Não, amiga minha, para DEUS tu és uma mulher e ele um homem, esta é a única diferença, e nem sequer como fazem diferença os homens que reduzem as mulheres a pouco mais que animais. Jesus cercou-se de mulheres, às mulheres deu o dom de ser mãe e aos homens, o maravilhoso dom de ser pai, duas tarefas diferentes, mas nenhuma substitui a outra. Isto somos para DEUS: homens e mulheres, diferentes, com diferentes peculiaridades, mas ninguém superior ou inferior. Sofri muito pelo

meu pai... Mas ajudaste-me tu, Sim! Ajudaste-me tu que já sofreste esta dor. Disseste bem, na dor viste-me como tu, a dor torna-nos a todos iguais, tão iguais que DEUS se tornou igual a nós, na coisa que certamente nos une a todos, a dor... Jesus... Não... Não é o DEUS dos nobres, mas dos sofredores; se fosse nobre, não seria tão ofendido e blasfemado. Tu, Cara Apolônia, estás à minha frente no reino dos céus porque, pela Sua justíssima vontade, funciona exatamente ao contrário das visões dos homens...". Parou por um instante. O seu diálogo resultava inconstante e interrompido pelas lágrimas, mas mantinha uma inteligência lúcida e um raciocínio coerente. Retomou quase logo a falar: "Viste-me perto de ti, na dor... E por isso me apoiei em ti, quem és tu? Apolônia? Não és uma amiga minha? Não és uma irmã? Por que te consideras escrava? Porque os homens te veem assim? DEUS não te vê assim e nem eu... e... Nem papai...". Ergueu os olhos para o céu: "Mas fazes bem em não confiar cegamente nos homens, todo homem é engano. Eu também poderia trair-te. Mas confia em DEUS, e enquanto DEUS habitar no meu coração, eu serei sempre tua amiga, uma irmã em Cristo, Filhas de um único pai... não Rao" Parou e depois disse: "Mas Jesus.". Apolônia estava imersa no seu silêncio, sem mais lágrimas, mas com os olhos brilhantes. Ágata voltou a falar: "Nunca duvides... Pelo contrário... Faz-me um favor... Nunca duvides sem antes ter falado comigo, o mesmo farei eu, nós somos amigas... Amigas para sempre! DEUS nos uniu e ninguém poderá jamais separar-nos, nem nesta terra nem em nenhuma outra... Assim como com papai...". Baixou o olhar. Apolônia disse: "Tenho medo de te perder... Não sei porquê... Mas Deus me... Ou melhor, mereci perder todas as pessoas queridas para mim...". Ágata disse: "Não te corrijas, sim, DEUS tirou-te... Mas não as tirou de ti... Tu as tens ainda mais perto, tirou-lhes a terra, para lhes doar a graça do paraíso; quanto ao medo... Não tenhas... Nem um pouco! DEUS criou-nos com grande dignidade. Disseste bem, aprendi muito com o meu pai, espero tornar-me mulher, mas uma mulher como ele, que era... É... Um homem... Uma rocha... Forte, decidido, com férrea vontade, doce e compreensivo, mas decidido, firme em dizer sim e não... Sem meios termos... Quero tornar-me uma MULHER de verdade... Não um verme! Não tenhas medo... Tu também deves ser uma mulher, forte e decidida... O que darás aos teus filhos? Medo? Não... Força, decisão; se se é decidido, não há necessidade de ofender, nem de brigar... Sim, esclarece-se logo...". Ágata estava firme, olhava fixamente para Apolônia por alguns instantes e depois abraçou-a: "Irmãzinha minha, não permitamos que entre nós surjam tais incompreensões... Se no futuro em certas situações não tivermos possibilidade de nos esclarecer, façamos o propósito de não duvidar, pelo menos até termos falado...". Apolônia soltou-se do abraço e disse: "Ainda não me disseste se me perdoas...". Ágata sorriu, com um sorriso maravilhoso e solar: "Amiga minha, não só não tens nada a te fazer perdoar, mas te agradeço... Porque foste sincera, confidenciando-me uma coisa que não eras obrigada. Poderias ter guardado o arrependimento e dito a ti mesma que mudarias, tornaste mais límpida a nossa relação, conhecemo-nos melhor, reforçamos a nossa amizade... E depois... Disseste-me que pareço com o meu papai... Não tens nada a te fazer perdoar... Pelo contrário, visto que agradecíamos a DEUS, façamo-lo também agora por isto. Que sustente sempre a nossa amizade, no fazer-nos desenvolver como verdadeiras mulheres, quais Ele nos quer... E não apenas como seres humanos com feições femininas... Mas mulheres...". Ágata abraçou Apolônia, a quem a partir desse momento chamou de "Proserpina", porque lhe tinha dado a primavera no coração. A Irmã Ágata olhava direto para o deserto, o seu olhar cruzava o céu...

Era o céu que cruzava o seu olhar, a sua alma estava em DEUS, com DEUS e por DEUS e isso duraria por todos os séculos...

6. As crianças repetem o que ouvem

Encolhida numa rocha, Ágata é envolvida por uma sensação de quietude interior. Os pescadores dedicados às suas atividades capturam a sua atenção. Entre os barcos que sulcam a água, alguns pertencem à sua família. Estes momentos de relaxamento são raros para ela, pois geralmente o seu tempo é ocupado. A sua verdadeira tranquilidade chega durante as horas noturnas, quando se dedica à oração com poucas horas de sono, antes de começar novamente a trabalhar para DEUS ao amanhecer. De repente, decide levantar-se e dirigir-se para a estrada, com a intenção de voltar para casa e ajudar a mãe. A sua paixão pela tecelagem ocupa a sua mente: fará um vestido para Apolônia? Ainda distraída, choca-se com um menino de cerca de oito anos que se lança à sua frente correndo e que, caindo, compreensivelmente começa a chorar. Ágata, inclinando-se para ele: "Menino! Machucaste-te?" E ele: "Mulher! Apareceste de repente na minha frente." Ágata sorri e diz-lhe: "Quero me redimir, onde vais? Eu te acompanho." O menino aponta para uma espécie de acampamento entre as rochas e diz: "Espero o meu pai que volta da pesca." Ágata concorda, pega-o no colo e leva-o até lá; pousando-o no chão, diz com ar sorridente: "Ainda dói?" E ele, um pouco para se fazer de vítima, diz: "Bem, sim, aqui dói." Ágata, percebendo que o menino faz um pouco de fita, aproveita a deixa e diz: "Mas tu, quando tiveres dores, invoca o docíssimo nome de Jesus... Ele curou enfermos mais graves do que tu, verás que te dará consolação para a tua ferida." Na vida, Ágata encontra sempre a ocasião de evangelização. O juvenzinho empurra-a com força: "Tu és cristã, certo? O meu pai diz que vocês estão destruindo Roma. Devo evitar-te. Deixa-me em paz." Ágata fica abalada, o seu rosto entristece-se, mas não se deixa abater e replica com a sua habitual persuasão: "Há pouco aceitaste ser carregado por mim e eu te conduzi aqui, exatamente onde querias ir. Agora diz-me, o que te fiz de mal para merecer essa tua desconfiança?" "Não me fizeste nada, senhora, mas és cristã. As vossas crenças atraem a ira dos deuses, que merecem adoração... e Roma está sofrendo as consequências." As crianças repetem os discursos dos adultos e, como eles, de fato, contribuem com o seu pensamento. Mais uma vez, Ágata repete uma das suas frases preferidas, com um tom sagaz e irônico: "Os vossos deuses são tão sensíveis? E por que temeriam o nosso DEUS se é inferior a eles?" O menino responde: "Não querem que mais ninguém se aproprie do seu culto." Ágata rebate: "Eu não teria medo de quem não pode me prejudicar. E adorar um DEUS que não existe me faria apenas rir. Entendes, se acreditamos num nada, seríamos apenas tolos, objeto de compaixão ou até desprezo, mas não de raiva, pois não há nada a temer de quem é menos poderoso. No entanto, os teus deuses e os seus seguidores parecem temer-nos profundamente e lutam contra nós com todas as suas armas. Por que, rapaz perspicaz?" O menino não sabe responder a este raciocínio e não porque não o tenha entendido, mas porque o entendeu bem demais e repete: "Mulher, o meu pai disse-me para ficar longe dos cristãos, e eu obedeco sempre ao meu pai, tu não?" Ágata vela um instante de tristeza, talvez justamente pelo seu pai, e diz: "Nisso estás de acordo com o nosso DEUS, também Ele prega obediência aos pais, embora coloque essa obediência abaixo de

DEUS, Ele vem acima de tudo. Como vês, não somos tão maus e, como te disse, até este momento não te fiz nada de mal." Ela se interrompe... a voz é muito triste ao ver no menino a obstinação e, de fato, é o próprio menino a repetir: "O meu Pai não quer, por isso peço-te que vás embora." Ágata olha-o e diz: "Está bem... DEUS não obriga ninguém, nem eu quero criar problemas com o teu pai... vai em paz." E antes de ir, acrescenta um resignado: "DEUS te abençoe." O menino, como resposta, vira-lhe as costas, parecendo dizer um "não preciso disso". A Ágata não resta senão voltar para casa, ensombrada pela falta de compreensão e abertura da sociedade em relação ao seu mundo interior.

7. Fé, oração e combate

Uma jovem Ágata está serena, segura nos braços um filhote de cachorro. Um caro amigo de infância chamado Constantino, a quem ela chama afetuosamente de "Costa". Ele era filho de uma família muito amiga de Ágata, um ano mais novo que ela; praticamente cresceram juntos, ligados por um afeto fraterno, tanto a ponto de se tornarem amigos para toda a vida e além. Mas aqui eram jovens, Ágata tinha 17 anos e ele 16, sentado com ela ouvia as palavras repetidas da amiga: "Fé, oração e combate... Fé, oração e combate. É isto o que desejo deste cão..." "Deste cão, Ágata?" "Sim, Costa, ele simboliza a fé, tu representas a oração e eu encarno a luta." "E Apolônia?" "Oh, Apolônia é o nosso pilar, sem ela eu nunca teria a força. A fé precisa de um apoio." "E eu represento a oração?" pergunta Costa. "Tu rezas muito mais e de modo mais profundo do que eu." "Oh, Costa, nesta terra rezarás certamente muito mais do que eu, e este cão será a tua companheira, será o bastão da tua velhice." Ágata fazia uma evidente referência ao que, por sua própria admissão, sempre sentira no coração: o seu martírio. Constantino ficaria a rezar nesta terra com o seu fiel Fides mesmo depois que Ágata a tivesse deixado, mas obviamente Constantino não podia saber de tudo isso e respondeu: "E no céu?" "No céu existe a eternidade, não existem limites." "Então chamaste o cão de Fides porque representa a fé?" "Sim, e tu te chamas Constantino porque a oração requer constância." "Não achas estranho, então, que tu, que simbolizas a luta, te chames Ágata?" "E por que deveria ser estranho? Ser bons significa combater pelo bem, defendê-lo. Não vejo nada de estranho. A inércia é um mal disfarçado de bem, e não é parte da minha natureza. O bem requer luta mais frequentemente do que se possa pensar." Para, sorri e acrescenta: "Somos um belo trio, eu, tu e Fides, verdade? Se acrescentarmos também Proserpina, tornamo-nos um quarteto divino perfeito, um quarteto que se repete na eternidade e continuará a repetir-se ao infinito." Constantino aproxima-se de Ágata, observa-a e diz: "Estaremos sempre unidos." Ágata responde: "Nunca duvides disso, em cada momento, em cada instante, estaremos sempre unidos nós quatro, pela eternidade." Fides tornar-se-ia o companheiro de aventuras do solitário Constantino por mais de vinte anos, até o fim dos seus dias.

8. O destino espera-te exatamente na estrada que tinhas tomado para evitá-lo

Ágata encontra-se escondida em oração com outros jovens em túneis subterrâneos da cidade. De repente, uma inspeção de guardas romanos é avistada por uma "sentinela" na entrada. Decidem fugir, e Ágata diz a Apolônia (que por causa da sua claudicação não podia correr) para se esconder dentro de uma reentrância e sair apenas quando tudo estivesse seguro, ordenando-lhe que fosse diretamente para casa. E assim foi feito. Os outros jovens, incluindo Ágata, começaram a correr pelos túneis para emergir na cidade. Ágata aconselhou os outros jovens a separarem-se e tentarem dispersar os rastros, convictos de não terem sido vistos. Correram às pressas, mas em certo ponto os jovens não conseguiram mais aguentar a corrida e, sentindo-se sempre observados, dirigiram-se ao pretório para se entregar. No entanto, não revelaram ser cristãos, mas disseram apenas ter estado nas catacumbas por curiosidade. Foram libertados sem maiores complicações. Ágata, por outro lado, continuou a correr até ser avistada por um guarda que, ameaçador, parou à sua frente. Poderia ter mencionado o seu parentesco nobre e certamente teria sido deixada em paz, mas Ágata não gostava de favoritismos e, calando a sua origem, fez o guarda desconfiar, conduzindo-a ao pretório. Não tinha clara a razão pela qual estava correndo, mas o próprio fato de o estar fazendo fez surgir no soldado o temor de ter algo a esconder. Ágata, arguta como era, sabia muito bem que o soldado não sabia nada, e quando chegou ao pretório, não mencionou a sua permanência nas catacumbas, até porque essa pergunta nem lhe foi feita, e quando lhe foi perguntado o motivo da fuga, respondeu com uma desculpa genérica conseguindo persuadir o pretor. Assim que foi libertada, retornou para casa para se certificar das condições de Apolônia. Mas embora Ágata tivesse a convicção de que tudo corresse bem, não podia saber que foi naquela ocasião fugaz que Quinciano notou pela primeira vez a sua beleza.

9. Parentes serpentes

Ágata e Apolônia encontram-se na casa de San Giovanni Galermo, quando ouvem bater à porta: é um mensageiro da mãe vindo para comunicar que a Tia materna está moribunda e pediu para vê-la pela última vez. Com surpresa, Ágata exclama: "Nunca reparou em mim quando eu ainda era uma jovem menina... quem sabe qual motivo a leva a querer ver-me agora. Podemos dizer que mal me conhece." A Tia morava nas zonas que agora chamamos Misterbianco; com as vias rodoviárias, seria a cerca de 5 km de onde se encontra Ágata e a 10 km de Catânia. O mensageiro comunica também que a mãe tinha colocado à disposição um cavalo. Mas Ágata recusa: "Obrigada, vamos a pé, faremos um pouco de penitência..." Com um pouco de desapontamento da amiga Apolônia, que devido à sua claudicação não é favorável a esta escolha, mas Ágata tranquiliza-a: "Pararemos todas as vezes que quiseres". Ágata despede o mensageiro deixando-lhe uma gorjeta e dizendo-lhe: "Dá um beijo no menino por mim, Carlo". As duas amigas, então, põem-se logo a caminho. Enquanto percorriam a estrada, Apolônia quis saber mais sobre a tia. A resposta de Ágata foi: "É a irmã da minha mãe, mas sempre viveu aqui. Não tenho praticamente nenhuma relação com ela; a última vez que a vi tinha 7 anos. É estranho que agora eu esteja mais perto dela do que a minha mãe, mas pergunto-me qual seja o motivo por trás da sua vontade de ver-me." Apolônia replica: "Não tem filhos ou um marido?" Ágata responde: "Não, não tem marido, mas tem uma filha que cuida

dela." Após a viagem, encontraram-se diante de uma casa baixa, como muitas se veem nas zonas velhas de Catânia. É Ágata quem toca a sineta que há fora, mas ninguém responde; decide tocar de novo, mas ninguém ouve e toca forte... ainda ninguém responde... Lança então um olhar de cumplicidade a Apolônia e escala o muro aproveitando um buraco e sucessivamente uma saliência e olha pela janela. Apolônia comenta com um sorriso: "Eis a nobre donzela!" Ágata reage com um sorriso: "Olha para mim, Proserpina: parece-te que possa passar por uma nobre?" De fato, com as roupas humildes, o suor do dia quente, a caminhada a pé e os cabelos desgrenhados, assemelha-me mais a alguém que acabou de sair de um período de isolamento do que a uma pessoa proveniente de uma residência real. Ágata vislumbra movimento na casa e começa a bater na janela, finalmente é vista, tudo isto enquanto Apolônia põe as mãos na cabeça rindo com gosto. Ágata neste ponto salta para baixo e com o ar mais casto e inocente do mundo exclama: "Estão em casa". Acolheu-as uma jovem rapariga de ar aflito, que abraçou Ágata como se fosse a sua única razão de viver (quando, na verdade, nem a conhecia). Ignorou, porém, completamente Apolônia, pois tinha entendido tratar-se de uma serva. Então dirigiu-se diretamente a Ágata: "Prima minha, obrigada por teres vindo, minha mãe desejou ver-te, passa momentos de consciência e de inconsciência... eu tenho tanto medo por ela", terminada a frase começa a chorar. Ágata consola-a e diz: "Não te desespere." A prima diz: "Desculpa-me, nem te dei hospitalidade, estarás certamente cansada, de que precisas?" Ágata responde: "NÓS precisamos lavar um pouco o rosto..." "Oh sim, ali há um jarro de água para ti, enquanto para ela..." Ágata interrompe-a: "Obrigada, o jarro servirá perfeitamente..." Apolônia não consegue conter um risinho pelo modo direto e resoluto como a amiga se está comportando... Depois de se refrescarem, a prima pede a Ágata para ir ao quarto da sua mãe. Ágata encaminha-se, e Apolônia está para segui-la, mas é bloqueada por um gesto da prima. Ágata não percebe e senta-se junto à tia, mas assim que se vira e não vendo Apolônia, imagina o ocorrido e diz à prima: "Podes chamar Apolônia, por favor?" A prima diz: "Ágata é uma escrava... as escravas aqui não podem entrar!" Ágata salta de pé, olha-a fixamente e repete calma, mas grave: "Eu disse... podes chamar Apolônia, por favor?" A prima responde: "Não podes decidir o que fazer ou não fazer na MINHA casa, prima." Ágata roça nela, sai e reentra segurando Apolônia pela mão. Parando novamente em frente à prima, olha-a nos olhos e diz: "Tinha-te pedido um favor, mas preferiste aplicar a lei humana. Tinha feito um simples pedido, mas tu recusaste alegando que eu não tinha o direito. Usaste a lei para contrastar o sentimento do coração. EU (sublinha o eu) sou Ágata, filha de Rao e de Apolla. Sou mais velha que tu três anos, e a minha mãe é até cinco anos mais velha que a tua. Esta casa que tu chamas 'TUA' foi a morada do meu pai antes mesmo de tu vires ao mundo. Agora, se há alguém que não tem o direito de ditar-me o que fazer aqui dentro, és precisamente tu, prima." O tom não é nervoso, mas firme, digno de um dos apelidos dados por Apolônia, ou seja: "Vento Impetuoso". Apolônia tinha cedo entendido da sua amiga Ágata que ser boa não significa ser "boazinha" e compreende também as palavras ditas quando meninas por Ágata: "Quem não sabe dizer 'não', não sabe sequer dizer 'sim'". A prima emudece, balbucia apenas: "Eram as suas últimas vontades, eu nunca te teria chamado", traindo a mutabilidade do abraço de pouco antes e do próprio, hipócrita, ânimo humano. Ágata responde firme: "Respeitaste as últimas vontades de um moribundo, DEUS te dará glória por isso" e fecha-lhe a porta na cara. Fica então sozinha com Apolônia e a tia moribunda. Agora, Apolônia sussurra: "Por que te zangaste por minha causa? É verdade, sou apenas uma

escrava." Em tom resoluto, Ágata replica: "É correto segundo a lei, tu és apenas uma escrava. E é verdadeiro que segundo a lei eu sou a prima mais velha." A conversa interrompe-se aqui, com Apolônia emudecida. Ágata neste ponto pegou na mão da tia, que sentindo-se tocada abre um pouco as pálpebras: "Ágata... quanto... desejei ver-te... não me lembrava mais do teu rosto... quanto tempo... peço perdão pelo meu desinteresse... para contigo... para com a tua família". Ágata põe-lhe a mão na boca: "Não te fatigues". A tia prossegue: "Na noite passada sonhei com um homem... Um homem que me disse para chamar Ágata. Disse-me que tu me ajudarias a encontrar a paz. Convoquei-te aqui porque tenho temor da morte." Ágata, visivelmente comovida, pergunta: "Meu pai?" A tia nega: "Não, filha minha, não era um romano... mas não sei quem fosse." Ágata sorri, uma luz acende-se nela: "Não um romano, mas sim um galileu..." "Mas eu não conheço nenhum galileu..." intervém a tia. "Oh," responde Ágata com emoção crescente, "tu não o conheces, mas ele conhece-te..." A tia retoma: "Tenho medo de morrer..." Ágata responde com determinação: "Se crês em Jesus nazareno, terás a vida eterna..." A tia admite: "Eu não conheço o teu Deus..." Ágata rebate: "Ele falou contigo..." a tia disse "creio" e fechou os olhos, respirava ainda mas tinha perdido a consciência... Ágata, ainda entusiasmada com esta iluminação faz um sinal a Apolônia: "Rezemos". Mas naquele momento a porta bate de novo, era a prima: "Agora chega... suportei até demais a tua arrogância." Ágata responde secamente: "Cala-te, e reza antes". A resposta é terrível: "Eu não rezo a um Deus derrotado e morto na cruz." Ágata é invadida pela cólera, levanta-se como se estivesse prestes a desferir um ataque. No entanto, as suas palavras são contundentes: "Não ponhas à prova a minha paciência calcando o nome de DEUS. Se não tens intenção de rezar, tudo bem, mas cuidado: ultrajar DEUS custar-te-á caro." O seu tom é rígido, como um outro, talvez o mais usado dos apelidos que Apolônia lhe dera: Zeus. Depois de ter recebido aquele raio da boca de Ágata, a prima cala-se. Entretanto a tia moveu-se de novo, atraindo a atenção de Ágata que volta para ela: "Tia, Crês tu em Jesus?" a tia repete "Creio". "Isto basta-me para rezar." Põe-se de pé e respira profundamente. Parece quase que com aquelas amplas respirações queira fazer entrar o Espírito Santo em si... impõe as mãos sobre a tia, e convida Apolônia e a prima a fazerem o mesmo. Apolônia aceita logo e também a prima o faz embora com ostentada reticência. Iniciada a oração, Ágata diz com tom solene: "Santo Pai, Senhor dos séculos, Senhor na vida, não por mim te peço esta graça, mas para glorificar o nome de teu filho Jesus, a fim de que também nesta casa cada joelho se dobre em seu nome..." para, fecha os olhos, reabre-os levanta a cabeça para o céu e diz "Cura-a, em nome de Jesus o nazareno", ajoelha-se faz-lhe uma cruz na testa e termina a oração... nenhuma mudança... aliás a tia não fala mais, perdeu de novo a consciência. Isto faz explodir de ira a prima: "Matou a minha mãe... estúpida! Assassina. Tu e o teu DEUS pelo qual te detestam e desejam a tua morte..." Apolônia desaba, empalidecendo completamente. Aquelas palavras, como uma flecha, atingem-na diretamente: entende, assim como o entende Ágata, que aquele "te odeiam" é referido aos parentes mais próximos. No entanto, Ágata mantém a sua calma e replica com firmeza: "Ninguém poderá matar a minha alma, e enquanto puder falar, continuarei a fazê-lo. E mesmo agora, continuarei a rezar! Se isto te incomoda... sente-te livre para chamar os soldados. Eu os esperarei." É um desafio decidido. No entanto, a prima não consegue captá-lo. O ser humano, no fundo, é frequentemente propenso à pusilanimidade, muitas palavras, poucas ações, pelo menos quando se trata de fazê-lo na cara, enquanto age mais secretamente, apunhalando pelas costas, como depois acontecerá também a Ágata. Ágata sente uma mão no ombro, é a

tia que diz: "Estou curada... graças a DEUS... obrigada!! OBRIGADA!!!" Ágata abraça-a e diz: "A minha alma engrandece o Senhor, e o meu Espírito exulta em DEUS nosso Salvador..." a filha fica estupefata e abraça a mãe, e diz: "Estás curada... irei fazer holocausto aos deuses". ... a tia diz: "Não aos deuses, a Jesus." E a filha: "Mas os deuses irar-se-ão..." E a mãe: "Mas não te importas mesmo de me teres contigo? ... o que posso fazer por ti Ágata?" Ágata diz: "Nada, nós vamos embora ainda esta noite..." "Deixa pelo menos que te acompanhem" disse a tia. Ágata desiste. "É motivo de agradecimento caminhar enquanto posso." Deseja a paz a esta casa e vai-se embora. Apolônia, logo fora, pergunta por que não ficou, para agradar à tia, e como de resto tinha decidido durante a viagem, isto é, ficar alguns dias. Ágata responde: "Deixemos que mãe e filha tenham modo de falar... quanto a mim, prefiro pousar a cabeça no mármore a pousá-la numa cama inimiga de DEUS... e depois devíamos oferecer esta caminhada pela graça recém-obtida, não achas?" Apolônia suspira, está cansada e a perna dói-lhe, mas não diz nada. Com a chegada da noite, Apolônia mostra claramente sinais de fadiga, e Ágata está visivelmente cansada. Notam uma casinha e Ágata propõe: "Devemos ir ali." Apolônia expressa uma preocupação: "E se forem bandidos?" Ágata sorri e responde: "Não faria sentido roubar duas mulheres sem dinheiro..." Apolônia insiste: "E se não procurassem dinheiro, mas outra coisa?" Ágata sorri novamente: "Mas a sério, querias ter um pouco de confiança em DEUS?" Batem à porta e o homem que a abre parece admirado. Ágata parece mesmo uma figura das fotos antigas da Segunda Guerra Mundial, uma beleza intemporal. E também Apolônia, com os seus cabelos lisos e negros, o seu rosto oliváceo e oval, alta e magra exprime uma elegância, apesar da modéstia das suas vestes, que cheira a dignidade, a mesma dignidade que muitas vezes não se encontra em vestes suntuosas e joias espalhafatosas. "Perdoe, senhor... somos duas mulheres em viagem... procuramos hospitalidade para a noite e partiremos amanhã de manhã..." Ágata enquanto fala dá uma olhada através da porta, notando a humilde morada; não era certamente a primeira vez que via uma, era seu hábito levar bens das propriedades da família para os bairros mais pobres da cidade, ela chamava o "seu" povo de "Gente pobre e de rico coração". Uma vez tinha até, com a cumplicidade de Constantino, feito uma surpresa a um menino que nunca tinha comido peixe na vida, pagou-o aos pescadores e deixou-o diante da porta de casa, batendo e observando a cena escondida atrás de uma árvore. Portanto o apartamento do homem não era certamente um problema para ela, aliás de alguma forma era para ela muito mais "casa" em comparação à propriedade da prima. O homem mostra, porém, um pouco de legítima indecisão: "Mas na verdade eu estava na cama, também os meus filhos... oh por Júpiter... entrem..." e fá-las acomodar, chama a mulher e fá-la preparar leite quente com o qual se saciam. Obviamente manifesta uma compreensível curiosidade a respeito do motivo pelo qual duas mulheres se encontram sozinhas no meio da noite. Ágata responde com um leve aceno aos fatos, sem entrar muito nos detalhes. A atenção do homem pousa depois no anel no dedo de Apolônia. "Esta é a tua serva? Muito leal, até mais que uma amiga... deves ser de origens nobres para tê-la ao teu serviço. Mas o teu vestuário não parece nobiliárquico..." Ágata responde com um sorriso: "A verdadeira nobreza reside no coração, não no parentesco." O homem sorri por sua vez. A conversa inevitavelmente desliza (Ágata parece guiá-la sempre nessa direção) sobre Jesus, e passam a noite inteira a conversar. A família acolhe calorosamente as mulheres, oferecendo-lhes hospitalidade por dois dias. Durante este tempo, sucedem-se conversas profundas sobre a fé e a conversão. No fim do segundo dia, as mulheres preparam-se para

repartir. Apesar da sua generosidade, o homem versa em condições econômicas adversas e não tem recursos materiais para compartilhar, exceto um sincero desejo de abençoar. "A minha única riqueza é esta: 'Que DEUS vos abençoe'", afirma com sincera humildade e um misto de embaraço. Isto toca profundamente Ágata, que responde comovida: "Quando se possui a bênção de DEUS, já se é rico de todas as coisas da terra e do céu... não pedimos nada mais." As duas mulheres encaminham-se para casa, marcando o fim desta experiência. Quem tem fé em DEUS possui tudo, e que DEUS vela e provê às nossas necessidades quando nos confiamos a Ele.

10. O que é a liberdade?

Ágata e Apolônia estão caminhando ao longo de um campo de trigo nas zonas rurais de San Giovanni Galermo quando Ágata exclama: "O que farás quando tiveres obtido a liberdade?" Apolônia responde dando de ombros: "Sempre desejei ser livre, mas não a um preço tão caro." "Oh, a liberdade tem sempre um preço muito alto, Proserpina." "Provavelmente falo despropositadamente, mas considero que tu pagarás um preço mais alto que o meu." "Oh não", interrompe-a Ágata, "Não existem preços mais altos, cada um tem o seu, a pergunta é, se muito, até que ponto estás disposta a gastar para ser livre? Quanto mais liberdade queres, mais o preço será alto." "Nesta vida ou na outra?" "Não há qualquer diferença." Apolônia observa-a e Ágata prossegue: "Não existem duas vidas diferentes, é um contínuo e aquilo que fazes com este corpo continua também quando o tiveres removido." "Se sou escrava aqui sê-lo-ei também lá?" "Se a tua alma é escrava sê-lo-á sempre, se não o é, não o será nunca." Apolônia ouve interessada e Ágata prossegue: "A tua condição civil é de escrava, assim te vê o mundo, mas a tua alma não o é, certo que te sujeitas às suas regras, mas a tua alma não é escrava, mas voa livre, portanto tu escrava não o és para DEUS e portanto não o serás nunca. Quinciano, ao invés, é livre pela lei, mas a sua alma é escrava de tantas coisas que diante de Deus é escravo e permanecerá escravo se não quebrar as suas correntes." "Talvez precise apenas de alguém que o liberte..." "Não, Proserpina, Jesus deu-te a verdade, que é a chave e é para todos, mas só nós no nosso íntimo podemos decidir usá-la, tu o fizeste, ele ainda não." "Constantino é livre?" "Ainda não, está tomado por muitos remorsos e arrependimentos, os seus medos induzem-no a ver sombras e isto fá-lo perder a confiança em Deus." "Quando é que podemos dizer-nos livres?" "Quando todas as coisas estão perto e longe, quando nada desperta mais preocupação, não há mais pedras que obstaculizem o teu caminho, sejam elas morais, espirituais, ideológicas ou materiais." "Tu és livre?" "Estou aprendendo contigo." "Comigo?" "Sim, porque não pões obstáculos ao teu saber, ao teu conhecer, ao teu ser o que és, tens uma liberdade incrível, não tens preconceitos, nem conceitos prévios, confias-te como um pássaro ao vento, ensinaste-me muitíssimo." "Não digas isso", murmura Apolônia. Param num alto planalto, de lá a pique vê-se o mar e toda Catânia. "Não quero deixar tudo isto, não quero deixar-te a ti e a Constantino, não quero deixar a mãe e Fides, esta porém não é a liberdade porque isto me é de tropeço e então digo 'Vai embora satanás! Deus me concebeu livre e irei para onde ele quiser', é esta a minha liberdade, não ter laços com nada, ou seja, estar unida com tudo e com todos sem, porém, ligar-me a nada." Vira-se para Apolônia: "Nem

tu deves estar ligada a nada e a ninguém." "Estou ligada a ti." Ágata põe-lhe as mãos nos ombros e diz: "Não estás ligada, estás unida a mim, quando eu não estiver mais perceberás, ensinarás a liberdade e quem quiser aprendê-la conhecê-la-á nos séculos." Apolônia cala-se sem entender e abraça-a enquanto as duas mulheres devagar voltam para casa.

11. A oração na noite

É noite, uma lamparina a óleo está acesa sobre a mesa, enquanto a principal, que serve de lustre, está apagada; a atmosfera é a de "oração noturna". Ágata lê as bem-aventuranças. Lê muito lentamente, quase como se, em vez de lê-las, estivesse "comendo" aquelas palavras e, portanto, quisesse "mastigá-las". Apolônia, por sua vez, está hipnotizada ouvindo a amiga; nenhum comentário, nem uma palavra a mais além do que se lê. As palavras comentam-se por si sós quando são bem meditadas, e o Espírito Santo age nos corações... terminadas as bem-aventuranças, seguidas pelos "ais" aos escribas e fariseus... longo silêncio... ambas com os olhos fechados... uma longa pausa, depois o Pai Nosso, também dito de maneira muito lenta... de novo silêncio... Ágata retoma com a frase de Isaías: "Ele foi traspassado pelos nossos crimes, esmagado pelas nossas iniquidades. O castigo que nos dá a salvação abateu-se sobre ele; pelas suas chagas nós fomos curados. Nós todos estávamos perdidos como um rebanho, cada um de nós seguia o seu caminho; o Senhor fez recair sobre ele a iniquidade de nós todos. Maltratado, deixou-se humilhar e não abriu a sua boca; era como cordeiro conduzido ao matadouro, como ovelha muda diante dos seus tosquiadores, e não abriu a sua boca. Com opressão e injusta sentença foi tirado do meio de nós; quem se aflige pela sua sorte? Sim, foi eliminado da terra dos viventes, pela iniquidade do meu povo foi ferido de morte." De novo, longo silêncio... e Ágata... "Oh Jesus, que podíamos dar em troca das nossas almas? O teu sangue precioso..." Silêncio muito longo. Retoma Ágata das lamentações: "Vós todos que passais pelo caminho, considerai e observai se há uma dor semelhante à minha dor, à dor que agora me atormenta, e com a qual o Senhor me puniu no dia da sua ira ardente." É a frase que frequentemente se refere a Nossa Senhora. Logo depois, mergulham no silêncio. Olham-se nos olhos e repetem o Pai Nosso... sempre muito lentamente. Ágata ergue os braços para o céu, parece uma sacerdotisa — coisa que não espanta, dado o seu "trabalho" de diaconisa que, com o *flammeum* na cabeça, parece mesmo uma "Nossa Senhora". Diz: "Pai, oferecemos-te as nossas humildes orações, no nome de Jesus, nosso Senhor, rezamo-las com os seus lábios, imersas no seu coração." Breve pausa. Revezando-se, iniciam orações que se assemelham às preces dos fiéis recitadas durante a missa, mas concluídas sempre com um Pai Nosso... não têm pressa... Reza-se inicialmente pela humanidade, depois pelos defuntos, depois pelos pecadores, pelos governantes, pela Igreja e seus ministros, pelos inimigos e pelos amigos, pela família e, por fim, por si mesmas, pedindo perdão pelos próprios pecados, em pensamentos, palavras, obras e omissões... tudo sempre contornado com um Pai Nosso, e muito lentamente... Especialmente quando se pede perdão pelos pecados, fica-se muito tempo em silêncio porque mentalmente estão recapitulando o dia em busca dos pecados, para pedir perdão e correção junto ao Espírito Santo. Retoma Ágata de Isaías: "Cresceu como um rebento diante dele e como uma raiz em terra árida. Não tem aparência nem beleza para atrair os nossos olhares, nem esplendor para nos agradar.

Desprezado e rejeitado pelos homens, homem das dores que bem conhece o sofrer, como um diante do qual se cobre o rosto, era desprezado e não tínhamos dele alguma estima. E, no entanto, ele carregou as nossas enfermidades, tomou sobre si as nossas dores e nós o considerávamos castigado, ferido por Deus e humilhado." A meditação da paixão do Senhor faz frutificar frutos de santidade porque, dela, nasce o verdadeiro arrependimento dos pecados, e o amor pelo amor e pelo sofrimento... mas quando é que hoje se reza assim? Há muito silêncio... agora não há mais silêncio... não fazemos silêncio nem quando rezamos sozinhos e, pior ainda, em comunidade. As duas mulheres amam muitíssimo também rezar com os salmos. Hoje talvez possa parecer uma prática em desuso, mas os salmos, se bem meditados, têm uma palavra para tudo e isso Ágata sabia muito bem. Ágata para, olha a amiga e diz: "O DEUS de misericórdia te proteja ao longo do caminho e te dê a paz", faz-lhe um sinal da cruz... semelhante à bênção sacerdotal (realmente toca-lhe a testa, os lábios e o coração). O mesmo faz Apolônia com Ágata e assim se conclui a oração. Fica-se mais um pouco em silêncio e depois é Ágata quem toma a palavra... com um hino de conclusão: "A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu salvador, porque olhou para a humildade da sua serva. Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Grandes coisas fez em mim o Onipotente e Santo é o seu nome: de geração em geração a sua misericórdia se estende sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço, dispersou os soberbos nos pensamentos do seu coração; derrubou os poderosos dos tronos, exaltou os humildes; saciou de bens os famintos, despediu os ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, seu servo, recordando-se da sua misericórdia, como tinha prometido aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre." Esta oração dita com muita lentidão, mas com tanta alegria... é suave, só Maria Santíssima poderia dizê-la melhor. Ágata conclui dizendo: "Seja sempre magnificado e bendito o nome do Senhor" e Apolônia responde "agora e sempre pelos séculos". Ágata é lenta no falar e muito silenciosa; ela, que é exatamente como o Etna, sempre ativa, um vulcão tanto na palavra quanto no agir, nunca preguiçosa, tem sempre algo para fazer, sempre estalando de energia, na oração se "transforma", transfigura-se... Encontra a interioridade e não tem pressa... aquela que, ao contrário, temos demasiadamente nós, que limitamos as nossas "orações" a um fugaz sinal da cruz, muitas vezes até mal feito. Também Apolônia reza da mesma maneira; a oração delas é como entrar noutra dimensão. De repente, Ágata pega a cabeça de Apolônia, aperta-a contra o peito e diz: "Tudo o que DEUS nos concede é graça, nada é devido... nem sequer o tempo... também essa é uma graça, Proserpina". Ainda apoiada no peito de Ágata, Apolônia assente com afeto enquanto Ágata prossegue com calma: "Não permitas nunca que saia dos teus lábios 'Deus privou-me disto ou daquilo', pois nada é verdadeiramente teu e, sobretudo, não fizeste nada para merecê-lo." Ágata para, os seus olhos capturam os de Apolônia enquanto lhe pousa um beijo terno na testa. "Deus estará sempre ao teu lado... é imutável. Não deposites confiança nos homens, porque muitas vezes são enganadores. Ao contrário, confia-te a Deus, só Ele é justo. Tu, minha cara amiga... entrelaça os teus projetos junto com Ele. Aprende a dizer 'não' aos homens; quem não sabe dizer 'não', não sabe sequer dizer 'sim'. Quem não tem vontade é como uma folha empurrada pelo vento, sem meta. Diz sempre 'sim' a Deus, não negues a caridade aos homens, nem aos inimigos, nem aos amigos, nem aos filhos. A preguiça é como a morte. No paraíso não tem espaço. E em tudo isso, lembra que Jesus mesmo desceu à Terra para se sacrificar. Nada de preguiçoso há nesta verdade." Apolônia fixa Ágata com olhos afetuosos,

observando a sua postura impecável e os cabelos soltos sobre os ombros. Ágata removeu o *flammeum* e sorri, enquanto as olheiras causadas pela insônia se acentuam. Apolônia apoia-se novamente no peito de Ágata e, num instante de imaginação, vemos Ágata levantar-se com energia e gritar voltada para Quinciano: "Ímpio, cruel, feroz tirano! Não sentes vergonha de arrancar aquilo que tu mesmo sugaste do seio de tua mãe?" E é exatamente nesta ótica que percebemos o senso de humilhação sofrido por Ágata diante da decisão do procônsul; o senso materno em Ágata é poderosíssimo, a sua inclinação para abraçar aqueles que ama como uma mãe é evidente. Ser marianos, no fundo, é amor materno, porque Maria é Mãe e também Ágata, mesmo não tendo nunca se casado, tornou-se mãe: primeiro dos seus amigos, depois dos seus discípulos e, por fim, dos seus devotos. De repente, Ágata levanta-se, agarra a bacia de água e enxágua o rosto, declarando: "Que a graça de Deus possa lavar as nossas almas, exatamente como esta água está lavando os nossos rostos." Depois para um instante e continua: "Cada um de nós tem um próprio percurso a seguir para a glória de Deus. Não olhemos para os percursos terrenos, mas todos conduzem ao castelo de Deus! Eu o alcançarei como Ele deseja, e tu também... o importante é que nos reuniremos lá e nos reencontraremos. E não é uma estrada de mão única... sentirás ainda a minha proximidade. Os corpos são apenas 'vestimentas', mas as almas... essas não se separam nunca." Abraça Apolônia mais uma vez, apoiando a cabeça no peito desta última. "Confia, não em mim, que não sou senão uma escrava... mas confia no Mestre, em Deus."

12. Ágata e "Santaita"

Enquanto Ágata está absorta na escrita, Apolônia aproxima-se com cautela e pergunta: "O que estás escrevendo?" Alzando o rosto, Ágata sorri e responde: "Lembras-te do sonho que tive há duas noites?" "Aquele em que estavas no meio de uma multidão que gritava, vestida de branco e puxava um carro? Lembro que me disseste que te encontravas no meio de uma multidão enorme que fazia barulho e, caminhando no meio deles, viste também umas enormes estruturas iluminadas carregadas pelas pessoas. Tu estavas no meio de duas filas de homens que arrastavam, através de umas cordas enormes, um carro, com uma figura de feições femininas em cima e, além da dita figura, havia outra gente que tu entendeste serem notáveis, talvez até religiosos. E lembro que estavas muito abalada, para não dizer mesmo assustada." "Exatamente... recordei algumas palavras que grita a gente vestida de branco: 'Cidadãos, Viva Santaita'. Ajudas-me a interpretá-las?" "Considerando que o sonho parecia situado no futuro, poderia ser uma língua não nossa..." "Sim, Apolônia, tens razão. Mas tem um som familiar, creio que podemos compreendê-las." Apolônia coloca-se perto da amiga e diz "Cidadãos... Cidadãos... hum, vejamos... não me vem nada à mente... não sei, 'civis'? Civitas? Provavelmente, mesmo que não reconhecesses o lugar, aquela era sempre Catânia." "É provável", assente Ágata. "Viva... lembra-me muito *est Vivas* ou *Vivas est*." Ágata assente novamente: "Santaita?" "Eh, não sei, não me vem nada à mente... Santaita... a multidão estava lá por ti? Sabes?" "Estava lá por mim... embora parecesse não me notar, estavam todos absortos em venerar a figura no carro." "Então Santaita és tu, representada por aquela figura no carro." "Eu?? Eu me chamo Ágata." "Certo, Ágata, eu sei, mas estamos falando de uma

língua diferente, numa época diferente, talvez seja algo afetuoso... Santaita, não sei... não saberia mesmo o seu significado." Ágata repete em voz baixa: "Santaita... Santaita..." Irrrompe repentina Apolônia: "Aita... assemelha-se a Ágata, é o teu nome!" "Aita?? Ágata no futuro dirão Aita??" exclamou Ágata com cara de espanto. "Sim, parece-te impossível? Há que entender o significado de Santaita, mas posso supor que seja algo próximo da palavra Sancta." "Sancta Aita? Mas santo existe só DEUS." "E todos aqueles que estão com ele. Este povo gritava a tua proximidade com DEUS e o teu estar Viva com ele." "Se é assim, não é uma coisa feia. Por que me assustei?" "Talvez porque tu não amas a confusão, o barulho, não amas a multidão, amas estar em paz com a natureza. Talvez porque vias que os lábios e o coração não estavam coordenados ou talvez porque me disseste que aquela figura estava cheia de adornos e joias e tu, ao contrário, amas vestir simples. Talvez te sentisses simplesmente deslocada... Aita." Ágata fez uma careta, embora tivesse entendido a ironia da amiga ao chamá-la justamente de "Aita", como no sonho. Tornada quase logo séria, Ágata dirigiu-se novamente à amiga: "Não gosto da ideia de que as pessoas possam apontar para um carro com uma imagem de feições humanas e dizer que aquela sou eu, nem que é viva, nem que é santa." Foi Apolônia desta vez a fazer Ágata raciocinar: "Lembras? Quando me contaste o sonho assustada, o que te disse? Disse-te para olhares os olhos das pessoas. Quanta gente teria olhado para o céu ou até para aquela estátua que dizes tu, procurando os teus olhos? Aquela gente, não todos talvez, mas aquela gente através de ti acreditará ainda no eterno, é para eles que deves olhar, Ágata." "Santaita..." repete Ágata enquanto desata em lágrimas... "Por que choras, amiga minha?" "Sou procurada, cedo ou tarde me pegarão e farão de mim o que quiserem; e, no entanto, o Senhor mostrou-me que tudo isto não será vão para alguns, mas o será para outros. O Senhor mostrou-me as muitas luzes e as muitas sombras. Isto me assusta, isto me dá também força. Quem EU SOU não sei, quem EU SEREI para esta gente também não sei, mas sei apenas que o Senhor tem para mim um percurso e é esse o seu plano de perfeição Divina." "Vês? Tem tudo um sentido agora." "E, no entanto, gostaria que aquela gente, quando se dirige à estátua, não parasse nela e visse a mulher que há dentro, não entenderão o meu coração se não aprenderem a conhecer-me em DEUS. Gostaria que aquela gente tentasse fechar os olhos e escutar o vento, que não se detivesse a chamar-me 'Santaita', que de vez em quando se lembrasse de Ágata, porque se estou viva como dizem eles, devo sê-lo por isto. Gostaria que aquela gente olhasse para dentro de si e não tudo ao redor, exceto ali." "Pensas que isto não possa acontecer?" "Santaita ou Ágata não é diferente deles, tu me conheces e o sabes. Conheces as minhas lágrimas, os meus sorrisos, as minhas alegrias, os meus amores, os meus desejos, os meus medos, as minhas paixões. Santaita estava lá no carro, mas Ágata estava entre a multidão e era eu. Eis, eu gostaria que não olhassem demasiado para o carro, mas para a própria multidão, porque Ágata está com cada um deles, pelo menos isto é o que entendi eu." "Penso ser um raciocínio justo, Ágata, e penso que o Senhor saiba o que faz..." "Estou convicta disso também... O Senhor conhece o fruto das suas obras." Obrigada, Pai.

13. Ágata e Apolônia: discurso de fé

Ágata e a sua cara amiga Apolônia encontravam-se na residência de San Giovanni Galermo. Ágata usava o seu habitual vestido verde escuro de serva; os seus cabelos castanhos, ondulados, caíam soltos sobre os ombros. A sua compleição sinuosa e o rosto de olhar vivaz tornavam-na imediatamente reconhecível. Do outro lado, Apolônia, ou "Proserpina" como afetuosamente a chamava Ágata, destacava-se pela sua estatura esguia e pela magreza. Os seus cabelos pretos e lisos escorregavam ao longo das costas, enquanto o seu rosto, do oval "grego", acrescentava uma nota de graça à sua figura. A tez escura de Apolônia distinguia-se nitidamente da pele clara de Ágata (pela qual tinha ganhado o apelido de Constantino de "Branquinha"). Ágata segura o bracelete entre os dedos, observando-o atentamente enquanto sussurra: "Este era do meu pai..." A sua expressão transmite uma mistura de alegria e nostalgia; depois depõe a joia com um gesto afetoso, como se quisesse compartilhar um segredo. Com um tom melancólico, Ágata dirige-se a Apolônia: "Compreendo a tua dor, cara amiga. Assim que soubeste que os soldados estavam quase nos alcançando. E, no entanto, isso não faz senão confirmar o que sempre te predisse... E se previ a dor, por que deveria ser diferente na alegria?" Com o mesmo sorriso melancólico prossegue: "Lembras? Meu pai me levava aonde quer que eu quisesse, nos campos onde trabalhavam os seus operários, e eu olhava a gente trabalhar a terra e aprendia, levava-me a cavalo... eu gosto de aprender e viver tudo, conhecer..." Depois volta o seu olhar para o alto: "Sou bem feliz por poder dizer que sei fazer ofícios de homem, mas também de mulher... de fato este vestido fui eu mesma que fiz... é belo poder dizer 'isto fui eu que fiz'. Não entendo como possam ser felizes aqueles que não fazem nada e querem ter tudo feito pelos outros. Lembras-te quando na cozinha nós coziávamos com os servos? Uma vez meu pai levou-me até nas suas embarcações para pescar... não me recusava nada. Meu tio, ao contrário, diz-me que 'não são coisas adequadas a uma Senhora'. Quem sabe o que dirá da sua 'senhora' quando estiver diante de Quinciano? Pudesse servir-lhe para entender que os Seus deuses são ídolos de falsidade." Apolônia observava-a como quem quer dizer tantas coisas e não sabe por onde começar... É ainda Ágata a ter a tarefa de "ler-lhe o coração" e de antecipar as suas palavras: "Irmã minha, nestes anos levei-te comigo para todo lado, para evangelizar, para ajudar os pobres, para preparar as celebrações, levei-te entre os doentes, para curar e construir... não nos poupamos... diz-me, por que o fizeste?" Apolônia responde: "Porque servir é alegria..." Ágata olha-a com o seu olhar esperto e profundo e diz: "Dizes isso por ti mesma?" e sorri. "Ágata, tu sabes que nunca teria feito algo em que não acredito... tu sabes...", "e então não duvides... olha para mim, pensas que me doeie a 'ninguém'? Não, Proserpina, não, debes ter fé... a fé é a pedra sobre a qual se funda a igreja e as portas do inferno não podem prevalecer sobre a fé... é uma rocha indestrutível." A expressão de Ágata agora é serena, como de quem encontrou a paz após um longo sofrimento. Sim, agora Ágata está pronta! "Pede-a a Jesus... oh, a fé é a coisa mais importante... onde quer que Jesus realize um milagre diz 'Vá, a tua fé te salvou' ou 'seja feito segundo a tua fé', é a fé que salva... pensas que Jesus não queira doar-te? Pede-a..." Apolônia: "Como farei para me lembrar de tudo isso quando não estiveres tu a repeti-lo?" Ágata: "Mas tu sabes que eu estarei sempre aqui, do céu velarei por ti, a morte do corpo não fará com que deixes de ser a minha irmãzinha." Depois pega um pedaço de pão e continua: "Lembras? A primeira vez que viste a celebração litúrgica me disseste: como pode DEUS tornar-se pão? Mas se tu te nutres de DEUS, poderás acreditar que nada lhe é impossível". "Às vezes me é difícil... Ágata... é tão difícil". Ágata cobre o rosto com os seus cabelos, as longas mechas

escondem-no enquanto diz: "Observa-me... o que consegues ver?" Apolônia desata a rir: "Gostarias de assustar-me como fazias quando éramos pequenas?" Ágata sorri em resposta: "No sorriso das crianças ocultam-se as profundas verdades divinas, então diz-me, o que consegues vislumbrar?" Apolônia rebate: "Vejo apenas os cabelos... longos e belos..." "Não vês o meu rosto?" pergunta Ágata. "Sinceramente, pouquíssimo... consigo perceber algo..." responde Apolônia. Ágata afasta os cabelos para o lado e com uma expressão esperta diz: "Quanto mais refletas... mais adicionas cabelos que te impedem de ver o rosto de Deus... exatamente como agora não consegues ver o meu rosto... cara amiga, como podes continuar a pensar sem parar? Elimina o pensamento, pois com o pensamento não se alcança Deus... pois o pensamento é humano e, portanto, limitado, pequeno e insignificante... podes aproximar-te Dele apenas com a alma... através da oração... não é a filosofia que te conduz a Deus... é a oração." Traz os cabelos para trás com um sorriso e diz: "Afasta os pensamentos e as tentações. Deste modo não terás dúvidas." Apolônia, que tinha tomado um aspecto alegre, lembrando com nostalgia a brincadeira que a reportava a tempos mais serenos, diz-lhe: "Sim, porém, Ágata cara, tu de qualquer forma não estarás mais." Ágata sorri de novo, pega novamente o bracelete do pai e diz olhando-a com um olhar profundíssimo: "Amiga minha, pensas que meu pai 'não seja mais'?" Apolônia, visivelmente embaraçada, diz: "Sim... ele está com Jesus..." Responde mais por automatismo que por convicção. Ágata, porém, finge não entender e diz: "E Jesus onde está?" Apolônia: "Nos céus." Ágata ri, e ri com gosto: "Apenas? Fica lá nos céus. Oh, pobre de mim!!" Apolônia olha-a confusa e diz: "O que foi?" Ágata olha-a de novo e seriíssima diz: "Jesus está aqui agora, DEUS está em toda parte, não simbolicamente mas REALMENTE, e onde está ele estão aqueles que estão com ele... não acredites apenas naquilo que os teus olhos veem." Diz-lhe ainda fechando-lhe os olhos com os dedos: "Diz-me, agora me vês? E, no entanto, estou ainda aqui... não, não acredites apenas naquilo que vês, porque os teus olhos são de carne, mas a alma é outra coisa. Já te disse que o meu coração deixará de bater, e as minhas carnes tornar-se-ão frias e duras, mas eu continuarei a existir, porque DEUS é o DEUS dos vivos, não dos mortos." Quando Ágata se refere a DEUS, o seu tom é constantemente sério; cada risada desaparece e quando "prega", o seu rosto transforma-se e a sua expressão transfigura-se, torna-se tão séria quanto luminosa. Com esta seriedade adquirida continua a sua prédica: "Quanto durarão o céu e a terra? E o que será no futuro? O que experimentarão os homens? Novos instrumentos? E modos de dançar? Novos louvores e orações? Novos carros para se mover? DEUS vê tudo, e eu estarei sempre lá com ele... e também tu... em eterno." Continua fixando o bracelete do pai: "E quando este não existir mais... de qualquer forma nós seremos... e continuaremos a ser." Ouvi-la falar realmente enche o coração e eleva a Deus: "O que é o futuro e o passado? Deus não muda, não se altera... deves ter fé, amiga minha, porque se tens DEUS tens tudo, e não tens medo do futuro, nem do presente, e o passado não te toca, tornas-te imutável como ele... e os lutos? Sim, te fazem sofrer, tu sabes o quanto chorei pelo meu pai... mas a distância da carne... não quer dizer que as almas o estejam... e se o corpo do meu pai jaz nos sepulcros, a sua alma está perto de mim e o estará ainda mais na prova... em DEUS estamos todos perto, eternos e imutáveis... deves ter fé nisso. Se Jesus não tivesse vindo, tu não terias tido modo de acreditar. Mas ele o disse, e o demonstrou... e tu deves acreditar... eu acredito". Apolônia compreende e responde: "Prometes-me então que virás visitar-me? E me ajudarás a aumentar a fé?" Ágata: "Prometo-te que rezo por ti, pelo teu bem espiritual, e farei tudo aquilo que DEUS quiser que eu

faça." Apolônia sussurra quase mordendo a língua, arrependida de o ter dito: "Tenho medo." Ágata colhe aquele sussurro e diz: "Amiga, eu tenho medo também... quando tiver que gritar? Gemer? Sofrer? E se eu fugisse diante dos lobos? E se renegasse Jesus? Quem me perdoaria? Se Deus o fizesse, eu não poderia... eu tenho medo, sou de carne, pensas que me dê alegria saber que tenho de sofrer como sofrem os cristãos? Humanamente não, mas em DEUS exulto... ele vive em mim... e eu morro nele... dá-me alegria isto... no fim direi com Jesus a Jesus... tudo está consumado... e agora deixa que a tua serva venha a ti... repousar nos teus braços." Sorri: "Repousar em DEUS, mas não fico parada não... oh, tem fé... verás... verás... o paraíso é para os operosos." Sorri: "Tem fé, apenas isto te peço... tem fé e reza por mim, sustenta-me na prova com as tuas orações... não o esquecerei... verás se no céu não existe a gratidão... oh, verás, amiga minha..." E abraça-a num gesto de amor afetuoso dizendo-lhe mais uma vez: "Tem fé e verás."

15. A cura milagrosa

Este episódio desenrola-se em San Giovanni Galermo. O ambiente ao redor da propriedade de Ágata é rural, com algumas casas pequenas e uma fazenda. Dentro da casa está Ágata; é o período em que ela se escondeu das buscas furiosas de Quinciano.

Ágata estava absorta em seus pensamentos quando o choro de uma criança a sacudiu, pedindo ajuda. Levantando-se e saindo instintivamente, Ágata notou que o menino estava bem diante da porta. Também instintivamente, Ágata colocou-o no colo — de novo uma imagem materna de Ágata —, levou-o para dentro de casa, deu-lhe um pedaço de pão que estava ao alcance e finalmente perguntou: "Menino, onde está tua mãe?". O menino respondeu que ela estava mal. Ágata disse: "Leva-me até ela".

Foi ainda com o menino no colo até a casa da mãe. A mulher, deitada na cama, parecia moribunda. Ágata pousou o menino no chão, tomou as mãos da mulher, que não tinha sequer forças para falar. Pousou seus dedos nos lábios da mulher e viu que estavam secos; molhou seus lábios com um pouco de tecido, enquanto o menino observava curioso. Ao ver Ágata, parecia que fosse uma médica de ofício; em vez disso, fazia tudo o que o Espírito lhe inspirava momento a momento. Não podia certamente imaginar que, entre os seus patronatos, um dia teria também o dos enfermeiros.

Ágata viu que na casa havia muitas estátuas dos deuses; era claro que aquela mulher não era cristã. Inspirada, disse: "Oh, mulher, que gemes sob o peso da doença, vim trazer-te um feliz anúncio: Cristo salvou-nos com o seu sofrimento". A mulher deu-lhe um breve olhar, um misto de curiosidade e compaixão. Ágata tomou a sua mão e disse: "Existe um só nome no qual todos os homens são salvos: Jesus". Disse aquele nome com uma doçura extraordinária. A mulher havia modificado o seu olhar; agora parecia atenta na escuta. E Ágata não se fez esperar: "Quem crê nele não morre e tem a vida eterna. Crê nisto e ele será o teu salvador". A mulher assentiu. Ágata pegou mais um pouco de água e deu-lhe embebida no lenço habitual.

A mulher semicerrou os olhos e disse com voz apenas audível: "Oh, jovem mulher, que te dignaste a socorrer-me, peço-te, não abandones meu filho quando eu me for". Ágata disse: "Tu

mesma criarás teu filho. Crês tu que Jesus é o único salvador?". E ela disse: "Sim". E Ágata: "Rezemos juntas". Dos lábios de Ágata saiu uma oração que a mulher seguia: "Ó Jesus nosso salvador, que aqui na terra te dignaste a fazer conhecer a tua misericórdia às pessoas, curando os doentes e vestindo os nus, peço-te, se esta é a tua vontade, que cures esta mulher e faças conhecer a ela a potência do teu amor, a fim de que ela te possa render louvor, qual único senhor".

A mulher olhou para Ágata, verdadeiramente luminosa no rosto, e assim que disse o seu "amém", sentiu-se revigorada. Sentou-se na cama, depois abraçou Ágata e seu filho. Ágata, feliz, disse: "Agradecemos a DEUS". Permaneceram ambas em oração, de joelhos; em adoração, louvavam e agradeciam a DEUS, com o propósito por parte da mulher de abandonar a fé pagã para se converter totalmente ao Cristianismo.

16. O testamento de Ágata

É ainda o período de ocultamento em San Giovanni Galermo. Ágata está muito abatida, perdeu um pouco das belas bochechas adolescentes e também o pescoço está mais magro. Fisicamente também havia mudado, muito mais magra, havia perdido as redondezas juvenis. Ágata, que nunca fora alta, tivera o rosto rechonchudo e o físico macio, que agora, porém, havia perdido. E é normal que seja assim, dado que viveu um ano intenso de jejum e oração, talvez para se preparar para o que sabia interiormente que seria o seu destino e que era apenas "questão de tempo". E talvez porque no 20º ano tornar-se-ia oficialmente uma "diaconisa", tarefa que nunca chegou a ocupar em veste oficial, dado que morreu em fevereiro, alguns meses antes do seu vigésimo aniversário, que chegaria em setembro.

Está vestida com o seu habitual vestido escuro simples; parece ela a escrava, não Apolônia, mas tem sempre movimentos muito imponentes e graciosos. O ar é muito sério e melancólico; cheira a adeus. Ágata vasculha no meio dos seus vestidos, pega um saquinho, doa-o a Apolônia e diz: "Toma, isto é para ti...". "O que é?". "Dinheiro. Quando eu não estiver mais aqui, darás a minha mãe e comprarás a tua liberdade. Não quero saber-te mais escrava. Quero saber-te livre e feliz com a tua família". "Não vejo por que tu não devas estar mais aqui. Aqui estás segura e, além disso... a tua família contornará a lei, e Quinciano não poderá fazer-te nada... e depois sabes que nunca aceitarei dinheiro de ti, Ágata!".

"Tu sabes que não me importo com dinheiro", diz Ágata, "mas no mundo existem leis e não é preciso despertar escândalo. Até agora foste minha irmã e amiga, e o serás eternamente, mas quero saber-te livre. Só te peço que fiques junto a minha mãe enquanto o Senhor lhe der novos dias; ela é velha, e meu pai não está mais aqui há anos... conforta-a".

Apolônia tem o olhar sério de quem não quer ouvir uma verdade muito arrepiante ou não quer acreditar nela, mas que sabe que deve acreditar, porque a pessoa que tem à frente não é do tipo de jogar palavras ao vento. Tenta, portanto, segurar o choro com todas as suas forças... "Apolônia, amiga minha, o meu destino eu conheço. Conhecia-o já quando consagrei a mim

mesma a DEUS, e tive a confirmação disso quando Quinciano se interessou por mim", diz Ágata, lendo-lhe o coração, como só os verdadeiros amigos sabem fazer. "Mas tu não temas..." Toma-lhe as mãos. "Olha para mim, toca-me... quando estas mãos estiverem paradas" — coloca as mãos dela sobre o próprio seio — "e este coração cessar de bater" — e fá-la sentir a respiração — "a minha alma te estará ainda mais próxima do que agora, de maneira maior, em DEUS; para ele não há confins". Tira-lhe as mãos do seio e coloca-as na boca dela. "Acredita apenas no que te digo, amiga minha, como eu acredito em Jesus, que me dá força".

Um instante de silêncio... Apolônia, com voz embargada e em sussurro, diz: "Não há necessidade de que tu me dês dinheiro, tua mãe me daria certamente a liberdade se lha pedisse, ela me quer bem como a uma...". Ágata completa: "Filha, sim, eu sei, é o que quero que tu sejas quando eu não estiver. Mas te dou o dinheiro não por ela, mas pelos meus parentes. Minha mãe não está sozinha, o irmão de meu pai comanda, tu sabes. Não quero despertar escândalo e ninguém deve impugnar a tua liberdade... eu te disse, quero saber-te livre, e tu sabes, não faço nunca nada pela metade... e depois, aonde vou, estes não servem". E sorri... é um sorriso contagioso o de Ágata, que brinca sempre sobre tudo, exceto sobre DEUS; que consegue rir mesmo em situações dramáticas, é a sua força, é a sua especialidade rir sobre tudo. "Estás me dando um enorme peso, Ágata". "Oh não, mesmo que devêssemos dizer ao imperador que use uma liga mais leve", sorri de novo. "O peso está na alma, Ágata", precisa Apolônia.

Ela toma-lhe novamente as mãos, apoia-as novamente no seio e diz: "A alma vibra alto em direção a DEUS, nunca nada poderá pará-la a não ser o teu intelecto. Não te detenhas em raciocínios humanos, não acredites no que será o amanhã... o amanhã é com DEUS, é agora que começa o teu amanhã. Nunca nenhum peso será demasiado pesado se carregado com ele, confia... sei bem por experiência própria. Minha mãe... oh, mulher, meu tio apossou-se de tudo, meu pai era tudo para ela, e ela tem tudo em mim... que dirá minha mãe? Que DEUS lhe tirou tudo?". "Não, e quero que tu repitas a ela, 'Proserpina'. Diz a ela que Deus colocou os seus afetos ainda mais perto. E se não pode abraçar-nos com o corpo, que o faça pelo menos com a alma. Proserpina, gostaria de abrir-te o meu coração, gostaria de dizer-te os meus medos, as minhas incertezas, mas não quero. Sozinha com Jesus. Sem que o inimigo se aproveite. Proserpina, reza por mim quando eu estiver na prova, eu terei necessidade disso. Será o teu maior presente". Coloca-lhe as mãos na bochecha, onde desce uma lágrima. "Não choro por mim, eu não te deixarei nunca... mas tu, prometes não me deixar?".

A mão de Apolônia vai instintivamente entre os cabelos, muito ondulados, de Ágata. E é justamente ela quem volta a falar: "Lembras? Quando te fiz o penteado de nobre? E tu me disseste que com todos aqueles nós te doía a cabeça? Eis, DEUS é a mesma coisa... tira todos os nós e os penteados elaborados... DEUS é simples, sê simples também tu". Apolônia chorava silenciosamente. Ágata continua: "Apolo, dizem os pagãos, é o deus que traz o sol no céu. De um nome como o teu, espero um sorriso solar, que me aqueça a alma, não o choro que me faz ir ao encontro das torturas com a dúvida de que também tu deixes DEUS e a mim... tenho necessidade". Pega-lhe as mãos com força. "Tenho necessidade... tenho necessidade, amiga minha, tenho necessidade da tua fé, das tuas orações... não me abandones tu". Ágata põe-se de joelhos. "Não me abandones, sustenta-me com as orações, terei somente aquelas".

Apolônia levanta-a... e Ágata recompõe-se, digna no seu aspecto. "Quando me consagrei, sonhei estar na cruz junto com Jesus... como sofria... mas como gozava, e quanto mais sofria, mais gozava... Proserpina... apelidei-te assim porque a deusa Proserpina, quando está longe de Hades, faz despontar a primavera, e tu foste na terra a minha primavera... tenho necessidade das tuas orações... mesmo quando não nos virmos mais".

Ágata não chora, nem antes chorava, mas está sofredora no rosto, como quem reprime... como quem deve consolar mesmo quando tem desesperada necessidade de consolo, e apesar de tudo isso não lhe pesa. Mesmo que quisesse desabafar, sabe que isso seria um peso para "Proserpina". É o destino de todos os santos, disse-o São Francisco: "fazei que eu possa consolar mais que ser consolado". E o próprio Jesus consolava os seus discípulos depois da última ceia... quando era ele quem ia ao encontro da cruz. Ágata precisa vê-la serena, porque deve assegurar-se de que depois ela não perca a fé; é a única coisa que pode consolá-la agora. Que a semente do seu sangue possa criar cristãos verdadeiros.

Proserpina repete baixo: "Não nos veremos mais?". E Ágata diz: "Aos cristãos são negadas as visitas no cárcere. Tu sabes... mas espiritualmente podemos estar próximas, irmãzinha... nunca te pedi nada... tu sabes... agora te peço isto... acredita em mim". Pegou o dinheiro que tinha caído no chão... levanta-o, apoia-o no peito... olha-a intensamente e diz: "Não é o teu preço... preciso saber, por quanto for possível, que tu... pelo menos tu, farás o que eu te digo, o resto eu confio a DEUS... pega, quando eu não estiver mais, darás a minha mãe, dirás que os recolheste nestes anos... também a ela, comprarás a tua liberdade... farás uma vida... eu te estarei próxima sempre e tu fica próxima a minha mãe... peço-te... não se recusam as últimas vontades de uma moribunda... se lícitas...". "Mas tu não morres, Ágata". Ágata para e sorri... brilham-lhe os olhos. "Tens razão Proserpina, tens razão, espera-me a vida eterna, mas este coração deixará de bater, e antes de fazê-lo, antes de repousar à espera de ressurgir no último dia, quer assegurar-se de que o seu repouso seja tranquilo". Apoia-lhe novamente a mão no seio... e beija-a... implora-a com os olhos e repete: "Tem fé...". Abraçaram-se.

17. Eis-me aqui!

Ágata encontra-se ajoelhada, os olhos fechados e inchados devido ao choro. O seu habitual aspecto cuidado desapareceu, sinal de quão profundo é a dor que está vivendo. Passou a noite inteira em oração, um pouco como se estivesse no "Getsêmani". Escolheu enfrentar este momento sozinha, para não colocar um peso nos ombros de ninguém.

Sentindo dentro de si que o momento chegou, repete baixinho: "Senhor, Tu que desde a minha infância me chamaste e a Ti consagrei a minha vida, me sustentaste nas batalhas contra as tentações do mundo, que evitei como coisas abomináveis. Guiaste-me através das provas e dos desafios, e agora, meu doce Esposo, peço-te que estendas a tua mão em direção à tua devota filha. Enquanto a prova tem início, peço-te que continues a dar-me a tua força e o teu apoio. Senhor, guia-me para que possa sempre cumprir a tua vontade para a tua glória, sem

me importar com o julgamento humano, sem medos nem vaidade. Sou a tua serva, humilde e dedicada, a tua escrava, pronta para cumprir o teu querer".

Uma batida ressoa na porta, e Apolônia se apressa a abri-la. Diante dela apresentam-se os soldados, e ela, com fingida inocência, pergunta: "O que desejam?". Uma voz responde em tom formal: "Ágata Colonna, filha de Rao e Apolla". Antes que Apolônia possa responder, Ágata aparece repentinamente, pronunciando com altivez e dignidade um simples "Eis-me aqui". O olhar de Ágata é resoluto e radiante, não presunçoso, mas com um senso de profunda força interior. O seu "eis-me aqui" não é dirigido aos soldados, mas sim ao Senhor. Naquele momento, o seu coração está dirigido a Deus, pois só com o seu apoio poderá enfrentar o que se segue. O eco do seu "eis-me aqui" ressoa como um tributo ao seu vínculo com o Divino.

"Não conheces o edito do imperador? Tu és Cristã, ou sacrificas aos deuses ou deverás sofrer graves suplícios". Ágata repete ainda: "Eis-me aqui, estou pronta". Antes de deixar o local, Ágata volta-se para Apolônia, que já tem os olhos marejados. No entanto, Ágata dirige-lhe um sorriso, um sorriso que oscila entre o tom irônico e um esgar de escárnio. É um momento fugaz, um breve instante que consegue arrancar um sorriso até de Apolônia, quase inesperadamente. Enquanto se encaminham, Ágata parou um instante para amarrar as sandálias. Um gesto icônico, motivo pelo qual, segundo a tradição, nasceu uma oliveira, símbolo de paz.

18. Começa a prova

Ágata está amarrada à coluna, desnuda da cintura para cima. Acabou de ocorrer o primeiro interrogatório. Ela tem o olhar altivo e é belíssima de rosto. Quem sua frio é Quinciano, que diz: "Te demonstrarei que a tua salvação não está em Cristo, me implorarás para te salvar dos atroztes tormentos". Ágata não o digna de palavra, o silêncio mais eloquente que qualquer resposta.

É ainda Quinziano a falar: "Até quando arrastas ainda, ó infeliz, esta tua vã ideia? Renuncia a Cristo, e começa a adorar os deuses, e provê à tua juventude, evitando uma amarga morte". É claro que não queria torturá-la, mas gozar do seu corpo puro e belo. Mas Ágata já decidiu, sabe já que convém servir o servo e não o senhor; repete com segurança incrível: "Tu, nega os teus deuses, que são pedras e madeiras, e adora o verdadeiro Deus, o teu criador que te fez; se o desprezares, serás presa de severíssimas penas e do fogo eterno".

Quinciano então deu ordem para que se comesse a mover o eculeo, um instrumento de tortura em que engrenagens moviam as mãos e as pernas de modo a esticá-la sempre mais. Inicialmente foi movido um pouco, tal a sentir um pouco de dor. Quinciano, aproximando-se, disse: "Quando te convencerás a adorar os deuses?". Ágata afirma com firmeza: "E quando entenderás de verdade que tirar-me a vida não te libertará do julgamento eterno de DEUS?".

Um gesto de mão, mais um pouco de giro do eculo, começa-se a sentir forte a dor. Ágata geme e começa a suar. Outra exortação por parte de Quinciano: "A salvação te espera...". Ágata diz: "Sim, me espera em Cristo. Anseio alcançá-lo". Quinciano fez disparar outro giro de tormento, com o acréscimo de uma nova tortura: lâminas afiadas deviam arranhar o seu corpo. Acompanhado pelo som sinistro das lâminas afiadas, o barulho do estalar dos ossos e os seus gritos enchem o ar, uma sinfonia de dor causada tanto pelas lâminas quanto pela tensão das articulações. A dor atravessa-a profundamente, fazendo-a sangrar e sofrer de modo indescritível.

Vendo o seu sofrimento, Quinciano comanda que se pare, na esperança de que ela possa reconsiderar a sua decisão. E repete ainda a sua exortação, talvez esperando desta vez uma resposta positiva: "Abandona esta ideia do teu ânimo, assim salvarás a tua vida". Ágata olha-o e diz: "Eu, nestas penas, provo tanta alegria: como quem ouve uma boa notícia, ou como quem vê aquele que há muito tempo desejou, ou como quem encontra muitos tesouros, assim também eu, posta nestes sofrimentos de pouca duração, exulto. De fato, não pode o trigo ser conservado no celeiro se antes a sua casca não for asperamente triturada e reduzida em pedaços: assim a minha alma não pode entrar no paraíso do Senhor com a palma do martírio, se antes não fizeres, pelos carrascos, dilacerar o meu corpo". Geme de dor, mas a sua voz é seguríssima.

Quinciano está irado; ordena mais um pouco de giro e as habituais lâminas. Ágata grita. Está tão esticada que respira com dificuldade e, além disso, tem as lâminas que lhe causaram feridas profundas. Se Quinciano não tivesse parado o eculo, o corpo de Ágata teria se dividido ao meio. Mas decidiu fazer a última prova e, aproximando-se dela, disse-lhe mais uma vez: "Desejas ainda o teu DEUS que permite tamanho sofrimento...?". E ela diz: "O sofrimento é a moeda com a qual ganho o paraíso. Eu sou sua, faça de mim o que quiser... melhor morrer dilacerada pelo verdadeiro DEUS do que me curvar diante de um pedaço de madeira".

Quinciano faz um breve aceno de mão, talvez para acariciá-la ou tocá-la, mas logo para e diz: "Que lhe sejam arrancados os seios". Ao ouvir isso, Ágata, enquanto a estão ajeitando para a nova tortura, grita com toda a voz no corpo: "Ímpio, cruel e desumano tirano, não te envergonhas de arrancar numa mulher o que tu mesmo sugaste na tua mãe? Mas eu tenho outros seios intactos no íntimo da minha alma, com os quais nutro todos os meus sentimentos, e desde a infância os consagrei a Cristo Senhor". Não era o gênero de resposta que Quinciano esperava, que antes esperava uma imploração de piedade por parte de Ágata, tanto mais que Ágata lhe joga na cara veladamente aquele que era o verdadeiro motivo do seu processo: a paixão carnal.

Quinciano, com um gesto de irritação, ordenou aos soldados que se apressassem. A cada movimento, Ágata gemia de dor, pelas luxações e pelas feridas. Os capangas pegaram então pinças e começaram a puxar os seios enquanto Ágata gritava. Quinciano então, arguto, dirigindo-se a Ágata em voz alta dizia: "Vejam se o teu Deus te salva os seios que lhe doaste". Ágata não respondia, suor misturado com sangue era o seu corpo e tinha voz apenas para os gritos. Os soldados não lhos amputaram logo, mas faziam-na sofrer com puxões violentos. Ágata lacrimejava e gemia; Quinciano, interpretando aqueles gemidos como uma

rendição, fez parar os carrascos. Aproximando-se de Ágata, disse com voz calma e sórdida: "Podes ainda salvar-te".

Ágata, virando-se para ele, olhou-o e disse: "A minha fé é em Cristo. Poderias arrancar-me os seios, amputar-me pernas e braços, até tirar-me a língua, mas a minha alma continuará a bater por Ele. Podes matar-me fisicamente, mas a minha fé permanecerá intacta". "Tola, ímpia, lenta e indigna do nome de mulher! ARRANQUEM-LHE OS SEIOS!" Ágata respondeu: "Se para ti ser digna do nome de mulher significa imitar Vênus ou Diana, então prefiro ser indigna aos teus olhos, mas digna aos de DEUS... São, portanto, os meus seios carnis que queres? Pega-os e, para conservá-los bem, corta-os... porque junto com esta alma não os terás nunca! Eu me faço prisioneira em Cristo e nele; a minha alma não poderás nunca possuí-la. E agora faz o que quiseses! A minha alma vive em Cristo, e Cristo nela... e tu não és o dono dela, nem nunca o serás!".

Ágata termina a sua frase e todos estão parados, mesmo que Quinciano tivesse dado a ordem; é como se Ágata tivesse bloqueado a todos, um outro "raio de Júpiter", como lhe teria dito Apolônia em momentos mais serenos. É Ágata quem "desbloqueia" a todos: "O que esperam, soldados? O vosso imperador vos ordenou os meus seios numa bandeja, não querem contentá-lo? Não querem satisfazer a sua ânsia de possuí-los?". Estas palavras pesadíssimas dirigem a Quinciano uma acusação introspectiva, desmascarando o verdadeiro motivo daquele processo: a carnalidade.

Os soldados então avançaram e com lâminas de fio de ferro finíssimas começaram a triturar-lhe a carne. Os gritos de Ágata, rompidos em choro, eram desumanos e, enquanto gritava, "o meu coração no peito palpita por ELE, ele só é a fonte do meu amor". "Converte-te, rei de escárnio. O verdadeiro rei observa nas tuas ações iníquas". Depois um grito forte... o primeiro seio caiu.

Naquele momento, a mãe de Ágata, presente no processo, desmaia e é levada para fora por Apolônia; a partir desse momento não porá mais os pés lá dentro, Apolônia impedi-la-á por temor de que o seu coração não aguentasse este suplício. Ágata, portanto, não reverá mais a sua amiga no interior da sala e, não sabendo durante o processo se a amiga tinha conservado a fé, todavia propôs-se a "não duvidar nunca" em virtude da velha promessa feita quando meninas, e não duvidou no mérito da fé e da oração da amiga Apolônia.

Enquanto sua mãe saía, Ágata com voz mais fraca diz ainda: "DEUS, minha salvação... perdoa-o... a concupiscência misturada à luxúria... torna cegos no pecado". Quinciano aproxima-se: "Podes ainda salvar o outro seio". Ágata olha-o: "Daqui a pouco terás também aquele, mas repito à presença da multidão, a minha alma é intacta... e tu, aquela, não a terás nunca".

Os soldados iniciam a tortura no outro seio; recomeçam outros gritos misturados às palavras "Pai, piedade...". Palavras que Quinciano deve ter interpretado para si, tanto é que faz parar os carrascos com meio seio cortado e, aproximando-se de Ágata, ofegante, com o peito que lhe ardia entre as feridas e o suor e a poeira, diz: "Imploraste piedade por acaso?". Ágata retoma o

fôlego; cada respiração dá-lhe uma dor alucinante, mas deve respirar rapidamente pela fadiga. Quinciano levanta-lhe o rosto e repete: "Invocas, portanto, piedade?". Ágata olha-o e diz: "Que o verdadeiro DEUS, aquele que pode perdoar de verdade os teus pecados, tenha piedade de ti".

Quinciano ferve de raiva e grita: "Completem!". Ágata então repete com as poucas forças que tem: "Sim, completem... o homem que raciocina só com a carne... a carne quer... a minha alma em breve estará com DEUS". Recomeçam os gritos de dor. Entre um grito e outro, repete o salmo 90: "Senhor meu refúgio, minha salvação em quem confio", até que cai o segundo seio e tudo para. Ágata respira de forma ofegante, chorando de dor. Quinciano aproxima-se dela e diz: "O que decidiste, mulher?". Ágata responde: "A minha alma engrandece o Senhor, e o meu espírito exulta em DEUS meu salvador". Diz isso ofegante, mas com altivez. Enquanto Quinciano, irritado, comanda que seja levada de volta ao cárcere

19. No Tetro Cárcere

Ágata está amarrada novamente, com correntes nas mãos e nos pés, no mesmo local onde ocorreu o julgamento. Está nua da cintura para cima, com o seio decepado. Além das numerosas feridas provocadas pelos tições ardentes e pelo eculeo, está visivelmente sofredora, suada e suja. O proconsole havia acabado de comandar o fim temporário das suas torturas, mas também ordenara que não lhe fosse dado nem comida nem bebida e, naturalmente, qualquer cuidado ou visita lhe era vetado. O objetivo era fazê-la arrepender-se, abjurar a fé, embora, reduzida como estava, dificilmente sobreviveria à noite.

Quinciano resignara-se a não poder possuí-la fisicamente, portanto esperava ao menos ganhar uma "confissão" sua para poder celebrar esta vitória diante do povo e dos superiores. Os soldados agiram prontamente para soltar primeiro as amarras dos pés e depois das mãos. No entanto, quando as mãos foram finalmente libertadas, Ágata, exausta, cedeu ao chão como uma flor cortada. Caiu por terra de bruços e isso lhe provocou uma dor indizível nas chagas, fazendo-a gemer, sem todavia ter forças para se mover. Mas isso não importou muito aos soldados, que tinham muita pressa e a incitaram a levantar-se, picando-a com as suas lanças.

Ágata contorcia-se e gritava desesperadamente, tentando em vão levantar-se. Mas estava claramente fraca demais para fazê-lo sozinha. Assim, por ordem do proconsole, tiveram que ajudá-la a chegar à prisão. Levantaram-na bruscamente (provocando-lhe mais gritos de dor) e, sustentando-a pelas axilas, conduziram-na ao cárcere. Apesar de tentar caminhar, não foi capaz de sustentar o passo e foi "arrastada" adiante. Lê-se sobre uma entrada "triumfal" de Ágata no cárcere, como se fosse convidada para núpcias; talvez na alma fosse assim, mas no corpo, já estava moribunda e dolorida.

Chegados à soleira do cárcere, atiraram-na ao chão com violência (ainda de bruços), fazendo-a gritar fortíssimo porque com os braços acabou cruzando sobre o peito decepado. Decidiram, na falta de ordens posteriores, não amarrá-la por enquanto, nem torturá-la mais. A ideia era perguntar o que fazer ao imperador, que porém não encontraram porque já tinha voltado para a sua *domus*. Assim, a coisa mais lógica foi deixar estar; a incumbência do que fazer seria

confiada ao soldado do turno seguinte, um homem chamado Cornelio, que se tornará muito importante nos últimos dias de Ágata.

Ágata permaneceu assim de braços, gemendo e chorando sem ter forças para se virar. A única coisa que consegue fazer é alargar os braços que ainda mantinha sob o peito, assumindo assim o aspecto de um pequeno crucifixo plantado no chão. Ficou assim, rezando e chorando por cerca de uma hora, até quando ocorreu a troca de guarda. Os soldados do turno seguinte conduziram Cornelio ao cárcere, que tinha o turno da noite e não havia assistido ao processo, portanto não sabia o que tinha acontecido. O velho, então, agarrou Ágata por um braço e, virando-a com pouca delicadeza, fê-la gritar de dor.

A reação de Cornelio ao vê-la assim foi um chocado: "Como a deixou?" Diz isso cobrindo os olhos para não ver a horrenda cena. Ágata, entretanto, com o braço tenta delicadamente buscar o vestido para se cobrir. Os soldados respondem logo: "É cristã, Cornelio, é ré por não ter sacrificado aos deuses..." Cornelio responde: "Desde quando a uma mulher é tirada a sua feminilidade? E o leite materno? É desumano". A resposta é peremptória: "É o castigo por não ter adorado os deuses". Mas Cornelio insistiu: "Nenhum ser humano pode ser privado de tal modo da sua dignidade, tirando-lhe a mais bela função que tem". Os "colegas" então, com jeito de amigos, disseram-lhe: "Trata de não te fazeres ouvir pelo proconsole ou acabarás também tu deste modo". Cornelio olha-os e murmura: "É horrível". Interrompe a frase, que se entende bem claro teria uma continuação. Deixando-lhe as instruções, saudaram-no: "Até amanhã". "Saúde a vós", respondeu o ancião Cornelio.

Encontrando-se sozinho com Ágata, sentou-se sobre as pernas e, olhando-a, percebeu que ela tinha finalmente conseguido recuperar um pedaço do vestido para cobrir o peito dilacerado. Ela tem os olhos semicerrados e sujos, está cercada de sangue que se mistura com a sujeira, o suor e a poeira, acentuando o ardor das feridas. Ágata abaixa a cabeça, como se quisesse descansar por um momento, sobretudo o pescoço. Tinha suplicado a DEUS para não a fazer desmaiar nunca, por duas razões: para proteger-se da eventualidade de que alguém pudesse aproveitar-se do seu estado de inconsciência para violar a sua pureza ; e porque desejava sentir toda a dor, exatamente como tinha feito Jesus. De fato, durante as noites passadas sob a vigilância de Cornelio, tinha dormido apenas esporadicamente. No entanto, em momentos como este, de dor intensa, não poderia encontrar repouso nem querendo.

Quando notou o gesto da jovem, Cornelio tentou um sorriso muito embaraçado e disse-lhe: "Oh donzela, não tenhas rubor de mim, na verdade poderia ser teu pai, se não avô". Na realidade, ele queria apenas evitar que o tecido grudasse no sangue e na ferida, aumentando assim a sua dor inutilmente. Ágata virou-se e olhou-o, enquanto num fio de voz respondeu muito lentamente: "Sei que não sentes nenhuma emoção... mas muitos me viram nua... agora... concede-me cobrir-me". Certamente Cornelio não esperava uma resposta semelhante e sentiu-se ainda mais embaraçado, então disse: "Mulher, tenho ordem de não te trazer nenhuma ajuda, porém vou para lá... passarei de vez em quando, para ver do que precisas". Ágata assentiu. Cornelio foi. Ágata foi tomada por violentos calafrios, que se intensificavam à medida que a dor continuava a imperar. De vez em quando, Cornelio aparecia na porta da cela, apenas para ir embora logo depois, deixando-a sozinha no seu sofrimento. Ágata tremia cada vez mais,

e esta condição durou por três intermináveis horas. Só quando o apóstolo de Cristo entrou, parecia que em Ágata restava apenas uma pequena centelha de vida, uma respiração apenas perceptível, a última chama que estava prestes a apagar-se.

20. O apóstolo e o devoto

Todavia, antes que o milagre acontecesse, veio de novo Cornelio que, vendo-a ofegar e contrair-se em espasmos, teve piedade dela. Trouxe consigo um copo de vinho, queria fazê-la beber, a fim de que, atordoando-se um pouco, sofresse menos. Ela, realmente com voz apenas audível, disse: "A única coisa que me alivia os sofrimentos é Cristo". O homem fez de novo o gesto convidando-a a não ser teimosa, e ela sem falar recusou novamente. Assim, um desconsolado Cornelio foi-se embora resignado a ter de vê-la morrer entre espasmos e dores, enquanto ela permaneceu ainda no chão por alguns minutos, quando veio o discípulo de Cristo.

Ágata está estendida no chão do cárcere, o seu corpo é uma massa de sangue, o vestido rasgado, e as suas mãos seguram-no sobre o seio decepado. Os seus olhos pequeníssimos e moribundos choram, mais pelo pudor ferido de ter tido que mostrar os seus seios vaginais, do que pela dor, que também existia; chora também porque Jesus foi terrivelmente ofendido. Contemporaneamente, porém, sente-se envolta numa mística paz interior, sentia a presença do seu Divino esposo muito próxima, tanto que pensava estar prestes a morrer, e nas condições em que estava, bastaria verdadeiramente pouco. Fechou os olhos para contemplar uma oração a DEUS, tentando imergir nele o seu espírito. Mas assim que reabriu os olhos viu sobre si um velho que a fixava.

Ágata perguntou-se interiormente quem jamais fosse, e fez um leve gesto com as suas fracas forças para tentar cobrir ainda mais o seio decepado. Tentou focalizar a figura; não lhe era simples, a penumbra e a falta de forças. Mas de repente a figura falou: "Jovem, que sofres por Cristo, queres ser curada pelas minhas mãos?". Ágata não respondeu, mais que tudo porque tentava focalizar e juntar as forças para encontrar a voz. O velho retomou: "Embora o tolo cônsul te tenha afligido demais com tormentos corporais, tu com as tuas respostas lhe infligiste penas mais graves. E uma vez que ele te torturou e fez arrancar o seio, a sua soberba mudou-se em fel, e a sua alma está reservada à amargura eterna. E como eu estava presente quando tu sofrias tais coisas, observei e percebi que o teu seio pode receber cura e salvação".

Aquele ponto Ágata realizou mesmo que o velho queria curá-la e, acreditando que fosse um cristão, talvez deixado entrar por Cornelio, com doçura respondeu: "Jamais prestei ao meu corpo medicina terrena e não convém que perca agora aquilo que conservei desde a primeira idade". O velho sorriu-lhe, notava-se no rosto expressão de comprazimento pela resposta obtida, assim sempre deixando crer que fosse um cristão em visita retomou: "Eu também sou cristão e conheço bem a arte médica: não gostaria que tivesses vergonha de mim". Ágata tentou fixar um pouco melhor e só agora percebeu que perto do velho havia um juvenzinho com um círio luminoso na mão. Fez um respiro e uma careta de dor, porque o movimento lhe rasgou o peito ferido e respondeu: "E que vergonha posso eu ter de ti, que és já velho e muito

avançado em idade? E depois, conquanto eu seja uma moça, o meu corpo está tão lacerado, que as minhas próprias chagas não permitem que algum estímulo sensual excite o meu ânimo de modo que o meu pudor possa ser perturbado. Mas agradeço-te, ó bom pai, porque te dignaste ter por mim tanta solicitude: e repito-te que o meu corpo não será nunca tocado por medicinas feitas por homens".

Verdadeiramente a resposta que tinha dado, tinha exigido todas as suas energias, foi dada aos solavancos. A pobre Ágata tentou dar uma doce resposta ao apóstolo, embora agradecendo-lhe pela premura, não desejava ser curada por homens, nem ser denudada ainda. Assim o apóstolo insistiu: "Mas por que não permites que eu te cure?". Ágata naquele ponto sentiu um impulso de professar a sua fé de maneira explícita. Sabia que se Deus quisesse curá-la, tê-lo-ia feito sem violar a sua pureza, assim como viera ao mundo sem macular a virgindade de Maria. Deus, de fato, diferentemente do demônio, respeitava sempre plenamente a vontade dos homens. Com esta convicção disse: "Porque tenho por salvador o Senhor Jesus Cristo, o qual com a simples palavra cura todas as coisas e a sua simples voz tudo restaura: este, se quiser, pode tornar-me sã".

O Apóstolo tinha finalmente ouvido o que queria ouvir. Ágata conhecia bem o seu DEUS e mostrava nele uma confiança despropositada, na sua onipotência, no seu amor e na sua vontade de escolha. Aquele ponto era hora de revelar-se, então sorrindo disse-lhe: "E é justamente ele quem me mandou a ti: eu não sou senão o seu Apóstolo; e no nome dele sabe que deves ser curada". Dito isto, desapareceu. Ágata pôde ver apenas o feixe de luz que "saía" pela grade. Ainda no chão, não se deu conta logo da cura, assim de sobressalto levantou-se para ir em direção à grade, como se tivesse despertado de um sonho, e somente então realizou que tudo era verdade e que ela estava perfeitamente sã. Assim, apoiada na grade, tentando fixar no alto, como se visse o céu, disse esta oração: "Agradeço-te, ó Senhor Jesus Cristo, que te lembraste de mim, e me enviaste o teu Apóstolo que me confortou e restaurou os meus membros". E assim permaneceu por um tempo.

21. Um novo discípulo: O Soldado Cornelio

Introduzir a figura de Cornelio significa narrar a história de um soldado que, por divina providência, se encontrou de turno nos momentos cruciais do martírio de Ágata. Este homem soube acolher a graça que o levou à conversão. Inicialmente, tinha considerado Ágata como uma mulher bela, mas de comportamento excêntrico, uma visão comum entre os pagãos que frequentemente julgavam os cristãos como extravagantes ou até loucos, quando aceitavam sofrer cruéis torturas por um Deus que parecia ter sofrido mais do que eles. No entanto, o seu pensamento transformou-se, e aquela mesma mulher ganhou a sua estima a ponto de empurrá-lo a mudar de fé.

A cura milagrosa realizada pelo Santo Apóstolo não escapou aos olhos do homem que, recuperado do torpor devido à aparição, foi até Ágata para perguntar-lhe: "Quem te curou?". "Jesus, Deus". "É forte o teu DEUS". "É Misericordioso, e ama a todos". "Se não tivesse visto,

com os meus olhos, nunca teria acreditado". "É de fato por isso que Jesus se dignou a curar-me, não por mim; de fato, eu sei o que ele quer de mim... mas para que haja pessoas que creiam no seu amor". "Mulher, és bela, inteligente, Salva-te!". "Já estou salva!". "O que pensas em fazer? Quinciano poderá certamente fazer-te outro mal, digo-te com um sentimento de paterna preocupação. Coloca-te em segurança e continua a praticar a tua fé de modo a evitar situações que poderiam fazer-te perder a vida". "Deus não ama a hipocrisia, ele disse que quem colocou as mãos no arado não pode voltar atrás. Como poderia eu continuar a viver tranquilamente depois de tê-lo traído? Especialmente depois daquilo que acabou de fazer? Não, eu aqui fico, a testemunhar a verdade, aquela verdade que nos faz livres, a palavra de DEUS".

"Quem é o teu DEUS?". "Ele é amor". "É potente, mais potente que todos os deuses, isto eu vi, mas se é amor por que não te salva?". "Porque se me salvasse do martírio, salvaria apenas a minha vida, enquanto ele quer salvar a todos, não só nos corpos mas nas almas". O Soldado olhava-a, não conseguia despregar o olhar do peito curado. Ágata não sofria com isso, porque o seu olhar era verdadeiramente paterno, sem malícia. E então respondeu: "O amor é o que confere a força de realizar o imparável pela pessoa amada, para trazer-lhe alegria. Portanto, digo-te, homem, que se mesmo uma só alma conseguir converter-se, a morte me encontrará com um sorriso". "Tu és louca, como podes morrer com um sorriso, se aquilo te fará morrer entre os tormentos mais cruéis?". "Não há alegria maior do que poder dizer 'tudo está consumado meu DEUS, agora que fiz a tua vontade, estou pronta a vir a ti, acolhe-me presto'".

As palavras de Ágata tinham fascinado o velho soldado, mas a sua mente ancorada no paganismo não podia ser totalmente persuadida. Certos conceitos pareciam incoerentes, sobretudo o desejo de morrer em vez de abraçar a salvação e prestar homenagem ao próprio DEUS. No entanto, a atração que este homem sentia e a sua busca interior de espiritualidade eram poderosas. Por ora, decidiu pôr fim à discussão. A sua mente tumultuada precisava de tempo para refletir, e além disso a alvorada estava para despontar, indicando a conclusão do seu turno de guarda. Assim, deixou Ágata imersa na oração enquanto ele, da sua posição, empreendeu uma longa meditação.

22. A alvorada de um novo dia

Na alvorada, Ágata encontra-se amarrada de mãos e pés. É o próprio Cornelio que está cuidando desta delicada operação. Não gostaria de fazê-lo, mas ela insiste, consciente de que o próximo turno de guarda efetuará as mesmas operações e, muito provavelmente, lhe infligirá torturas. Com doçura, ela o convence: "Não quero causar escândalos, bom homem. Agradeço-te pela tua gentil vontade, mas respeitemos a lei". Ágata, por ordem do proconsole, não deveria ter recebido nem comida nem bebida. Em teoria, se não tivesse sido curada, já estaria morta por perda de sangue. Cornelio preocupa-se sinceramente com ela e amarra-a de modo que possa mover-se com um certo conforto. Com o seu *flammeum* cobre o seu peito, pois o seu vestido está em más condições. Este gesto afetuoso não escapa a Ágata, que lhe

agradece; ela sabe que suportou e continuará a suportar olhares impuros e depravados como abutres que ameaçam a sua pureza, doada apenas a Jesus.

Ágata está cansada, curada mas exausta. Não dormiu e os seus olhos estão inchados. Cornelio, com discrição, consegue oferecer-lhe um pouco de água para molhar os lábios. Promete-lhe que durante a noite lhe trará pão, mas ela gentilmente recusa. O jejum é uma oferta grata a Jesus. Com uma promessa de se reverem, Cornelio afasta-se, controlando que tudo esteja em ordem. Fez tudo o que podia e agora pode apenas rezar em silêncio pela sua segurança. Ágata tranquiliza-o, com incrível força cristã, despede-o com um "Vai em paz, amigo meu".

Com uma promessa interior de se reverem, afasta-se, encaminhando-se para a sua família. Ágata, do outro lado, vê entrar os soldados do novo turno e sabe que se encaminhará para um novo dia de torturas. Os seus olhos estão fechados, talvez em oração ou talvez a descansar. Entre o cansaço físico e a dor de alma, tenta reunir as suas energias. Os homens do novo turno fazem a sua entrada, rompendo o silêncio com uma risada escarninha. "Salve, Donzela!". Ágata não responde e cala-se, e mantém ainda os olhos fechados. "Ei, erraste, não donzela, Salve Serva de Cristo". E tome risada. Ágata mantém os olhos fechados, parece um pequeno crucifixo. Os soldados continuam: "Ei, ainda não entendemos se és nobre ou escrava, podes explicar-nos por favor?". Silêncio.... Se não fosse pela respiração pareceria morta; na realidade está apenas rezando dirigindo o olhar a DEUS. Não se ouve Satanás, mantém-se ele sob os pés, e não se cai em tentação.

O homem continua: "Detesto os patrícios, constantemente posando com soberba, gozam dos privilégios às nossas custas, e no entanto sentem-se superiores. Tem a coragem de definir-se serva ela... realmente uma afirmação de 'nobre', se assim posso dizer?". Ágata olha-o e cala-se. O que poderia jamais dizer-lhe? Ajudou os outros e vem ao processo vestida de serva; podia fazer intervir a parentela para salvar-se ou procurar atestados falsos de adoração aos deuses, mas não faz nada disso, deixa-se ofender por eles, e tudo isso não parece um agir de "nobre". Mas o soldado não vê e continua: "Ei, mulher, diz-me, além do seio arrancaram-te também a língua?". Começa o outro: "Vejamos se tem voz", e desfere uma bofetada fortíssima. Da boca de Ágata não sai um grito, mas apenas um gemido. A bofetada com a mão pesada do soldado faz-lhe sangrar o lábio. Retorna com os olhos fechados e cala-se: "Pois bem, a mulher tem voz! Isso nós sabemos".

De repente o soldado tem uma iluminação, nota o inchaço sob o véu e entende que ali estão os seios. Tira-lhe o véu de cima desnudando-a e grita: "QUEM TE CUROU??? NÃO PODIA ENTRAR NINGUÉM AQUI!!!!!!". Ágata responde em voz baixa mas com firmeza: "Não há porta fechada onde DEUS não possa entrar, Jesus Cristo me curou". Ágata, sempre taciturna, não se poupa nunca de falar se há que testemunhar a glória de DEUS. "Cristo? Basta com esta história! Sou talvez tão ingênuo ou tardo para não perceber que alguém entrou aqui? Diz-me, quem te curou?". E acompanha a frase com outra bofetada. Ágata olha-o com os olhos marejados pela dor e repete com o mesmo tom de voz pacato e resolutivo: "Jesus me curou, quem outros poderia tê-lo feito? Os vossos deuses?". Depois de um breve silêncio, continua: "Bem, estou satisfeita, ao menos agora sei que não tendes mais razão de me manter

prisioneira. Nem mesmo eles querem o meu sacrifício". Encontra a força para dar um sorriso que lhe custa outra bofetada. "Não ofendas o nome dos deuses, acelerada!".

E ela retoma: "Eles mesmos se ofendem! Estão até brigando entre eles, pois Vênus continua a contender por aquela maçã, brigando com Diana". Custa-lhe a enésima bofetada, agora tem o rosto inchado. Mas isso não a faz render-se e insiste: "Segundo vós, homens sábios, quem me curou?". "Algum de vós acelerados cristãos entrou no cárcere com a colaboração do soldado, e te curou". Ágata agarra a ocasião no ar e proclama: "Nunca encontrei alma que tenha o poder de restaurar um seio decepado. E vós? Sustentais que isso é obra de um Cristão? Em tal caso, grande é a potência do nosso Deus". Desta vez a bofetada dão-lha ambos os soldados, com toda a potência do corpo deles. Ela sofre a dor, misturada ao prazer de ter dado glória a DEUS e de ter dado voz ao Espírito Santo; de fato, os soldados não sabiam o que responder-lhe, e depois de tê-la espancado foram-se dizendo "Cristãos, que raça de acelerados...". Por agora acabou tudo.

23. E vem a noite

A noite desceu, e Ágata ainda está amarrada às correntes. Os pulsos e os tornozelos estão marcados por feridas provocadas pelo contínuo atrito com elas, sinais que resistem no tempo e que um olho atento pode notar ainda hoje nas relíquias custodiadas em Catânia. Os seus cabelos estão impregnados de suor e sujeira, e o seu rosto está inchado, com os lábios rachados pelas bofetadas sofridas. Apesar de tudo, a sua beleza resplandece como nunca antes, irradiando uma aura angelical enquanto parece adormecida em oração. Talvez esteja tentando recuperar as energias depois de um dia de torturas infligidas pelos soldados que, de vez em quando, entravam para atormentá-la.

Cornelio com passo incerto aproxima-se dela com uma vela, desejoso de entrar no quarto. Mas vendo a sua condição, o soldado é tomado de compaixão. Com delicadeza, poussa um véu sobre o corpo exausto e remove com cuidado as correntes. Ágata está tão exausta que cai sobre ele: "Donzela, eu te disse ontem, por que não foges?". Ágata sorriu-lhe, com um sorriso maravilhoso e paradisíaco: "A alegria que me dá DEUS nestes momentos, não ma dariam nem todas as riquezas do mundo juntas". Cornelio tira de uma bolsa um pouco de água e, enquanto ajeita Ágata apoiada numa parede, dá-lha. Ela bebe um gole e depois recusa. O mesmo com o pão, sobre o qual antes reza interiormente um Pai Nosso... apoia a cabeça numa parede e reabre os olhos e continua citando o evangelho: "E quando vos conduzirem para vos entregar, não vos preocupeis com o que deveis dizer, mas dissei o que naquela hora vos for dado: pois não sois vós a falar, mas o Espírito Santo".

O soldado, porém, que não conhecia o evangelho, não compreendeu as suas palavras; tocou-a na testa, para ver se delirava. Ágata olhou-o de novo e sorriu: "Tu não conheces o Espírito Santo, verdade?" Óbvia a resposta do soldado. "E no entanto não conheces senão a ele, ele está em toda parte, age em tudo, ele é tudo o que vês". Olhava-o fixamente tentando perscrutar o soldado, que respondeu: "É o Espírito do teu DEUS?". Ela retomou: "Não só o espírito, ele é

DEUS, e em mim fala, como com todos os seus filhos, que têm os ouvidos atentos para lhe ouvir as palavras, homem". Parou um instante, retomou fôlego: "Vês? O processo. Quinciano mandou espancar-me porque não tinha mais palavras; se tivesse tido razão na sua doutrina, teria certamente encontrado provas irrefutáveis, mas não as encontrou e onde não pôde a palavra, usou a violência".

Retomou fôlego e continuou: "Vês? Sempre li as palavras do Senhor, que nós chamamos Evangelho, e amei-as, mas no processo verifiquei pela primeira vez as suas promessas, deixei falar o Espírito Santo do qual o meu corpo é templo, e vi os inimigos confusos... a sabedoria de DEUS é infinita, a do homem é muito limitada...". O soldado, cujo paganismo não professava a alma, disse: "Mulher, tu és uma nobre, o teu falar é culto, estudaste os filósofos, e certamente com tais argumentos bloqueaste as palavras de Quinciano". Ela sorriu: "Não, homem... também a sabedoria é um dom de DEUS, também a sabedoria é DEUS. Quinciano não me interrogou sobre os filósofos gregos, ou sobre a ciência da terra, interrogou-me sobre DEUS, e DEUS não se estuda na escola, DEUS conhece-se na alma".

O soldado disse: "O que é a alma?". E Ágata disse: "A alma é a parte divina que há em ti. Tu não o sabes, mas quando morres, o teu corpo retorna à terra, mas a tua alma, que é o teu respiro, retorna a DEUS, e lá é julgada, segundo os seus preceitos de caridade". "Não existe o Hades?". "Não existe. Existe o paraíso, onde as almas contemplam Deus bendito nos séculos, e o inferno, onde as almas que decidiram separar-se dele, o estarão em eterno... com extremas sofrimentos". "E o Hades?" "Não existe". "Como podes sabê-lo, mulher? Há talvez alguém que voltou do mundo dos mortos?". "E tu, como dizes que existe o Hades? Alguém alguma vez to mostrou? Vêus alguma vez falou contigo? Não, homem, Jesus ressuscitou, está vivo, e tu viste ontem que está vivo e age... e no ódio que há contra quem crê nele vês que está ainda vivo; na verdade, não se odeia quem não existe".

Ágata teria continuado, mas foi interrompida. "Roma odeia os cristãos porque tem medo da maldição dos deuses". "A maldição? Sim, haverá! De DEUS, porém, para quem tortura e sevicia os seus filhos. Tu o viste, converte-te, homem". Ágata estava luminosa nos olhos e, apesar do cansaço e do sono, encontrava sempre força para falar de DEUS. Cornelio, entre o espanto e o fascínio, repetia para si mesmo para deixá-la descansar, mas depois não conseguia desprender-se dela. Decidiu mudar de assunto para não lhe dar a impressão de desinteresse: "Que te fizeram aqueles soldados?".

Ágata ri, uma verdadeira e própria risada, olhou-o e disse: "Jesus meu, quanta paciência... tu falas a todos e, no entanto, todos se obstinam. Os soldados, dizes?" Riu de novo. "Não se dão conta de quanto são absurdos os seus deuses, e só para não admitir que vão atrás de pedaços de madeira preferem usar violência e dizer 'acelerados cristãos'". Riu de novo, baixou o olhar. "Deus perdoa-lhes, não sabem o que dizem...". "Mulher, atenta no falar, os seus deuses são também os meus deuses...". "Oh, tu, homem", sorri Ágata com leveza. "Já compreendeste quanto sejam acelerados os teus deuses, caso contrário não estarias aqui. E se estivesse aqui, seria para infligir-me ulteriores sofrimentos, estou bem ciente disso. Mas que dizer de uma Vênus impudica e de um Júpiter ladrão? Quem realmente se importa com tais divindades?. São estes os vossos deuses? Parecem piores do que nós, com ações e gestos privados de

sabedoria, cheios de inveja e ociosidade. Um Júpiter que deve transformar-se em cisne para desposar uma mortal?. Provar admiração por semelhantes figuras é deveras estranho, não achas?".

Ajeita-se melhor e retoma: "E que fazem os vossos deuses?" Ágata ergue uma sobrancelha com ar de desafio. "Ofendem-se por quê? Pela falta de culto, como os vossos imperadores? Vós criticais Jesus" - faz uma reverência com a cabeça - "mas Ele trouxe uma doutrina nova, admirável e belíssima. Além disso, curou os doentes, restituiu a vista aos cegos..." Aqui para, olha-o com intensidade e declara: "Restituiu-me o seio". Levanta-se, vai em direção à grade e diz: "Cada um deles dorme sonhos tranquilos, mas isso acontece porque DEUS vela sobre todos, e tu homem que hoje te encontras a velar aqui, lembra-te que DEUS vela sobre ti...". Para, olha-o e diz: "Tens filhos?" "Sim, dois". "Quais são os seus nomes?". Ele para a pensar, não lhe responde... diz: "Os meus filhos são a coisa mais preciosa que tenho, não queria que lhes acontecesse nenhum mal, tu dizes que o teu DEUS vela sobre eles?". "Tu, pai imperfeito, disseste bem uma palavra belíssima; pensa que o Pai nosso criador diz isto de nós, a cada momento: nós somos seus filhos. Ele não é como Júpiter ou Netuno, preguiçosos, nem como Vênus, invejosa e vaidosa. Ele veio ao mundo para se fazer matar, pelos seus filhos, para os seus filhos. Tu não o farias? Se os visses em grave perigo?.. E digo-te que, mesmo que a tua resposta fosse 'não', ele respondeu sim, e fê-lo".

Para, abaixa-se de novo e afaga-lhe a cabeça, estica a mão em direção ao cantil... recebe-o e bebe um gole, depois pega a água, derrama um pouco nos dedos, ainda sujos de sangue, e passa um pouco nos lábios dele.... "Que esta água possa purificar o teu coração por graça de DEUS". Faz um gesto da cruz nos lábios do homem. "Vês, caro amigo? Um pagão como tu, vendo o peito rasgado de Jesus, ajoelhou-se e disse 'verdadeiramente este era filho de DEUS'; o mesmo desejo a ti... porque ele quer isto de ti, amigo meu... mas eu toquei-te com a água, pedindo para ti bênção, vai a um emissário de Jesus, faz-te batizar com o fogo do Espírito Santo... então, tendo-o recebido, não haverá mais muro que não possa ser derrubado, pois DEUS é tudo em todos". O soldado fixava Ágata, suja e empoeirada, inchada, mas extremamente bela, e enquanto ela o olhava fixo nos olhos, ele diz-lhe: "Obrigado mulher, farei tesouro das tuas palavras..." Ela olha-o enquanto ele se levanta e diz: "Sim, eu sei... sei que o farás". "Espero que Quinciano não te mate, o mundo precisa destas palavras". "E eu, ao contrário, espero que a semente nasça logo, mas para fazer isto antes deve ser soterrada na terra árida; quem falará como eu, tê-lo-eis sempre, porque sempre falará o Espírito Santo... mas é necessário que a semente dê fruto e seja irrigada com sangue... que unido ao sangue de Cristo dá fruto, como os ramos com a videira".

Cornelio olha-a ainda e diz: "Vai dormir mulher, amanhã será mais um dia cansativo. Descansa, eu te acordo, antes de terminar o turno, para que não te acordem os meus colegas com os modos deles". E vai em direção à porta. Ágata responde: "Que a paz esteja contigo, na tua casa"

24. Uma estranha visita

Na cela, Ágata senta-se com os olhos cerrados, mas o sono lhe foge. A sua mente está em meditação, enquanto os lábios sussurram orações. A porta do cárcere abre-se lentamente. Cornelio faz a sua entrada, movendo-se com extrema delicadeza. A porta fecha-se atrás dele sem ruído. Ágata, embora perceba o visitante, não se deixa apanhar de surpresa. "Perdoa-me, não queria incomodar-te de novo," desculpa-se Cornelio. Ágata responde com um sorriso e um aceno para o lugar vazio ao seu lado. Cornelio senta-se, procurando a justa confiança. "Não consegues descansar? Nem um pouco?" pergunta-lhe. Ágata, tranquila e composta, replica: "Não é hora de sono, mas de vigília." Cornelio, que obviamente não reconhece a citação evangélica, está curioso: "E qual objetivo anima esta vigília?" E ela: "Diz-me, tu não vigias em tempos de guerra? Não tens medo de um atentado inimigo?" "Fanciulla, mas tu não corres nenhum perigo, ou pelo menos não aqui dentro. Deverás temer, isto é certo, pelo processo, mas aqui? E depois, na pior das hipóteses, eu te defenderei... ninguém pode tocar num prisioneiro antes de uma sentença". Ágata fita Cornelio, reconhecendo a dificuldade com que ele compreende o que para ela é óbvio. Ao agradecer a Deus pela graça que lhe foi dada, levanta-se e ajeita a veste. "Tu, homem, deves ver como Deus cuida de cada um de nós. Escolheu até curar a minha mama. É Ele quem defende os seus filhos," afirma. "Sou-te grata, mas quem pode verdadeiramente ferir-me não é aquele que deseja a minha morte ou arrancar-me a mama. Nem mesmo quem pode abusar da minha feminilidade, ainda que isso provoque uma dor atroz. O único temor que nutro é reservado a quem tem o poder de danificar a minha alma, condenando-a a um fogo eterno." Cornelio, ignorante do significado profundo da alma, permanece em silêncio. Ágata está firmemente convencida das suas palavras, mas ele evita enfrentar um assunto que considera incompreensível.

Agatha, claramente exausta, sorri e prossegue: "Há duas coisas que devem ser defendidas até a morte e além: uma é DEUS, que te criou, que te redimiu, é ele que te dá tudo o que tens, é ele que um dia, enquanto o teu corpo for chamado a dormir o sono da morte, chamará a tua alma, isto é, a luz Divina que há em ti, para festejar a liturgia das almas beatas." Ágata interrompe-se, a sua fala flui lenta, requer reflexão atenta sobre as palavras. O cansaço desempenha o seu papel, um companheiro inelutável. Mas a clareza da expressão é necessária. No fundo, reza com fervor e prossegue o seu discurso: "A outra coisa que deve ser defendida é a tua alma, porque é a única coisa que dura eternamente... e deve ser bem tratada, porque há quem queira destruí-la." Cornelio pergunta obviamente "quem?". E Ágata responde "o demônio, uma criatura de DEUS criada no bem, mas que quis ser sumo bem e que foi expulsa do paraíso, pretendendo, portanto, destruir todas as criaturas de DEUS. A alma, como te disse, é eterna, mas a eternidade pode ser passada como pessoas felizes, ou como pessoas infelizes". Para um instante, respira, fecha os olhos e diz "a alma do Senhor é criada, virá pelo Senhor julgada, e por ele acolhida, se demonstrada filha, por ele recusada se ela o tiver recusado em vida". Cornelio então a interrompe e diz "e tu como te defendes?". E ela "estando em companhia do único que me pode defender, DEUS... rezando... isto é, dialogando com ele". Cornelio pega-lhe num braço e diz-lhe "estás muito cansada, dorme um pouco, que está para acontecer a troca de turno...". Ágata acolhe o convite para se sentar, mas não para dormir, e diz acariciando-lhe o rosto "O Senhor te recompense por tudo o que fazes por mim..." E ele "queria apenas ver-te bem, não és o género de pessoa que quereria ver morrer, especialmente com tais sofrimentos... há por aí criminosos, os verdadeiros, e tu não és dessa

espécie... e depois és tão jovem..." Ágata sorri-lhe "se eu morresse, seria jovem para sempre, a alma não envelhece... se eu morresse permaneceria sempre viva, a alma não morre, na realidade estão mais vivas as pessoas que tu chamas mortas do que aquelas que chamas vivas... se depois estão com DEUS, bem, tem a certeza que NUNCA te abandonarão.." "Eu não sei como fazes para ter tanta certeza tu, mas eu nunca vi estas pessoas..." E Ágata retoma: "não sabias que tinhas uma alma e usavas apenas o corpo... mas eles corpo já não têm. Tenta ver com os olhos da alma e verás... recolhe-te, tem fé e reza, explora o que há dentro de ti, pergunta-te 'quem sou?', para onde vou? Por que vivo?" "por quem ou o que morro?" "Tu já respondeste a estas perguntas?" E ela "se já tens uma resposta a estas perguntas morres serenamente, como eu, que não temo nada, mas sou também feliz de me encontrar com Jesus". E Cornelio "nunca pensaste que Jesus te curou porque quer ver-te salva?". E ela "pode ser, mas não salva fugindo, ou renegando-o... se me quer salva nesta terra, salvar-me-á, senão não o renegarei nunca, nem mesmo diante da morte... ele quer-me salva no paraíso, e vós comigo, e quem teve olhos para ver acreditará..." E ele "segundo tu, eu acredito?". Nos olhos pequenos e cansados de Ágata brilha uma luz e um sorriso belíssimo e diz-lhe "vai descansar e no repouso procura a DEUS." Assim ele olha-a um pouco incerto, mas ao aceno de Ágata para ir, pensa em deixá-la dormir, e diz-lhe "voltarei antes da troca." Ágata anui, apoia a cabeça na parede, e descansa um pouco... Cornelio sai.

25. O que é a liberdade?

Ágata está sentada no tetro cárcere absorta nos seus pensamentos. Irrompe repentinamente Cornelio, com ar incerto e visivelmente embaraçado esfrega as mãos. Ágata não olha para ele. Depois de alguns segundos, o soldado começa a falar "donna, tu és muito jovem e também muito sábia, é em virtude destes dois méritos que quero colocar-te uma questão". Ágata volta o olhar, esconde a melancolia com um sorriso e pronuncia: "Fala, bom homem, estou aqui." "Se tu tens um filho que de repente te diz 'quero ir embora, quero ver o mundo, a vida segundo os cânones sociais me aperta, quero ser livre', o que fazes?" Ágata olha para as correntes nos pés e diz "Deixo-o ir". "Mas que dizes? Não tem dinheiro consigo, ninguém o conhece, não tem a minha proteção nem uma profissão, não tem os seus bens". "Existe um só bem, o céu, ele envolve e protege tudo o que está debaixo dele, ao homem não basta mais que isto". "Entra um instante no coração de pai, não crês que deveria estar preocupado? Não tem morada". "Nasci nobre e de apreciada família; e no entanto, por diverso tempo escolhi ter apenas o céu como cobertor, a lua como candelabro, os prados como almofadas e o vento a acariciar-me a pele e curar-me as feridas e digo-te que não só não me lamento disso, voltaria lá também imediatamente se não tivesse as cadeias". Cornelio permaneceu petrificado, certamente não esperava tal resposta, não ousava contradizê-la e decidiu mudar de assunto "de quem és filha?". "Oh, homem e que importa agora? Sou filha das aves que voam e irmã dos cervos que pastam, minha mãe é a gaivota do mar e meu pai a águia do Etna". Para, olha o estupefato Cornelio e pergunta "Fala-me dos teus filhos, homem". "São dois, um escolheu a via que te indiquei, o outro é soldado, é honrado, é muito amado, estava ele de turno quando chegaste, sou muito orgulhoso dele, tem um ânimo bom e tenho a certeza que, não obstante as indicações, te tratou bem". Ágata para, pensando que está prestes a dizer a primeira mentira da sua vida e diz "tratou-me bem, sim... mas ele não é mais nobre do que o outro filho e ter

uma afirmação na sociedade não significa ter um coração mais valoroso de quem não a tem". Acena um sorriso para atenuar o embaraço de ter ocultado o mau tratamento do filho de Cornelio. Ágata finalmente levanta-se, toca no ombro de Cornelio e diz "Escuta-me meu bom pai, não cortes as asas ao teu filho, tu não poderás estar onde quer que ele esteja, mas sabe e tem fé que de qualquer forma sobre si terá sempre o céu, perto ou distante, portanto nunca estará sozinho". "E se lhe acontecesse algo de mal?" "Terá de qualquer forma o céu sobre si, está também sobre nós embora não o vejamos e embora eu vá ao encontro de morte certa está sobre nós, tu amanhã poderás vê-lo, isso une a todos". "Fala-me do lugar em que estiveste". Finalmente Ágata volta a sorrir e com um estranho brilho nos olhos diz "oh...". E para comovida. "Oh?" "Tu como imaginas os Campos Elísios? O verdejante prato, as pastagens relvosas, animais de toda espécie que estão lá como simpáticos companheiros de viagens, subi ao olimpo do monte Soro e vi a casa dos deuses, lá o bom Deus me instruiu de sabedoria e paz e me fortificou para esta prova, disse-me 'Agatha filhinha minha adorada quando estiveres pronta voltarás aqui bem adornada e não te irás nunca mais'". Cornelio escuta e pergunta "Há alguém de quem sintas mais falta?". A Ágata escapa finalmente uma lágrima e diz "Fides". "É o teu noivo?" Ágata com tom grave "É o meu cão!" "De quem mais sentes falta é de um cão?" "Certo! Compreendeu-me mais ele que todos os dois meus melhores amigos juntos!" "Mas tu és louca!" "Escuta-me bom homem, tens um filho livre que tu pensas que é escravo e um escravo que tu pensas que é livre. Se tivesse que escolher para a minha melhor amiga escolheria sem dúvida o primeiro". "E para ti escolherias o segundo?" "Eu já escolhi!" Cornelio ri e, deixando a cela, comenta consigo mesmo com um tom brincalhão: "Não tinha dúvidas que vós seguidores de Cristo fôsseis um pouco fora da cabeça." Entretanto, Ágata sorri, toma o lugar e murmura: "Mas é justamente esta 'loucura' aquela que fascina o teu coração."

26. Quem reza não tem nunca medo

Ágata está sentada no escuro húmido da cela, um arrepiro corre-lhe pelas costas. Fevereiro traz consigo um frio pungente, especialmente para uma mulher com vestes gastas. Em outras ocasiões, talvez, alguém pudesse dedicar-se a algum movimento para se aquecer. Mas Ágata está parada, com as pernas cruzadas e a cabeça baixa. Ágata reza em silêncio, olhos fechados. Só ela sabe o que está atravessando interiormente. Sem dúvida, procura incessantemente uma ligação com o Divino, essencial para não sucumbir. A sua imobilidade é rachada apenas pelo frio que a envolve. Uma sensação que, se pode imaginar, obstaculize a própria oração. Mas Ágata não cede terreno. De repente, Cornelio entra. O tilintar das chaves faz levantar o olhar de Ágata, que se levanta de pé. Um sorriso ilumina-lhe o rosto. "Esperava-te," sussurra. E ele "não vim antes porque acreditava que dormisses...". E ela "encontro mais repouso a rezar que a dormir, se a alma se restaura, fá-lo também o corpo... diversamente... há apenas cansaço mental que depois traz também dor física". Cornelio observa-a e diz "como fazes para ser tão serena nestes momentos?". E ela responde "quem reza não tem nunca medo" e Cornelio "eu sou velho e digo-te que o medo é humano". Ágata sorri de novo: "humano é o medo, mas tem-se medo do que não se conhece, e quando não se sabe como irá... eu não tenho medo, quando há DEUS há tudo". "Devo conhecê-lo o teu DEUS, tu falas dele com uma segurança, como se estivesse no meio de nós, eu vejo apenas o nada..."

mas tu és tão segura de como falas... e no entanto não és louca... aliás pareces-me muito sábia". Ágata pousa a sua mão no ombro dele. O vestido de Ágata apanha um pouco de luz, amarrado como está por um ombro, remendado para não deixar ver o peito. "Amigo, o que dizes é verdade, nem eu vejo ninguém, mas o que tu não vês com os olhos humanos podes percebê-lo com a tua alma". Põe as mãos no peito "vês? aqui não está só o teu coração, mas também a tua alma, aliás... está o teu coração porque está a tua alma. Tu não sabes o que é a alma... mas podes descobri-lo se em espírito de humildade tentares relacionar-te com DEUS". Para. Olha-o fixo nos olhos e diz "não se pode pintar nenhum quadro sem ter pelo menos uma ideia de base da qual tirar inspiração... tu achas-me sábia. mas na realidade o que sou, é apenas um reflexo, não faço mais que tentar imitar o meu mestre, Jesus". Cornelio repete "por que para um homem tão sábio é destinado um fim tão feio?". E Ágata "porque o mundo não ama a verdade, vês também tu, tenta dizer a César o que pensas dele, ou aos teus colegas... Jesus em vez disso não só diz a verdade, ele é a verdade, o pensamento que desvela os corações, até nas partes mais escondidas. Quem tem coisas a esconder não o pode amar. porque os seus pensamentos vêm à tona. Jesus ama-se com o coração livre de pensamentos e preocupações, e escuridão senão não se ama, no máximo estima-se..." ainda com o braço no ombro dele e o outro no coração dele diz: "olha aqui, o que vês? pensas que o mundo sejam apenas estes quatro muros? não amigo caro.. Jesus é muito mais... é imenso, imutável, Jesus é um mar, parado mas ativo, quem está com ele não vive em preocupação do futuro, porque DEUS é dono dele, quem está com ele, não se preocupa com o passado, porque DEUS o redimiu.. quem está com ele, vive ao melhor o presente, para oferecê-lo continuamente. não diversamente se vive com ele... aqueles que atarefados se preocupam com o futuro e esquecem o presente. Não vivem... desperdiçam... esbanjam um tesouro, a vida que não volta mais".

Cornelio responde: "É compreensível preocupar-se com o futuro... Tenho uma família, filhos para cuidar..." Finalmente, Ágata liberta gentilmente a sua mão, acompanhando o gesto com um longo suspiro. "Eu também... tenho uma mãe que ficará sozinha quando não estiver mais... Mas não estará verdadeiramente sozinha, pois Deus vela por ela. E eu continuarei a fazer o mesmo..." As suas palavras param quando Cornelio a interrompe. "Velarás?" "Velarei," confirma com firmeza. Cornelio não proferiu palavra, mas o seu olhar comunica. Ágata sorri, colhendo a expressão que diz tudo. "E por que tanta surpresa? Falei-te da alma... essa não morre. É eterna, imutável." Cornelio acolhe as palavras, embora o seu rosto reflita incerteza. Ágata gostaria de apertá-lo num abraço, mas contém-se respeitando o espaço do outro. Mas começa a dizer "Deus, o nosso afetuoso Pai... desejava que nós o considerássemos Pai... doou-nos Jesus como irmão, o Seu Filho. Ele tornou-se homem por nós, DEUS encarnado... quem cumpre a Sua vontade é irmão de Jesus, quem segue os Seus mandamentos pode chamá-lo Pai... mas ninguém é verdadeiramente digno disso... precisamente por isto, o Filho nos doou a Sua misericórdia... mas DEUS é também Espírito Santo... o que pode ser mais sagrado que o amor? DEUS é amor, e o Seu Espírito Santo é amor, que, como uma chama ardente, acende os corações, as almas... o que não pode fazer o amor? Pôde trazer DEUS à Terra... o amor... o que não é capaz de fazer o amor? Inflama o teu coração, transforma-te num homem novo... tudo isto é obra do amor... o Espírito Santo... quando desce sobre ti, sentes-te regenerado, purificado, crescido... enche-te completamente... afasta todo o mal em ti... o amor... levanta-te,

restitui-te a tua humanidade, afastando-te da bestialidade... isto é cumprido pelo Espírito de DEUS... em verdade te digo que estou aqui porque o Espírito Santo mora em mim." Para. O Espírito Santo merece uma pausa silenciosa. E retoma: "Não há nada que Jesus não tenha experimentado humanamente, à exceção do pecado, para nos ensinar que o pecado é a espada que trespassa o coração de DEUS... Ele foi desprezado pois era um Galileu, experimentou a soberba daqueles que se creem superiores só porque nasceram noutra lugar... Foi desprezado e odiado... Trabalhou por trinta anos para ganhar o pão, exatamente como fazes tu..." faz uma pausa e depois continua "O Espírito Santo, o amor de DEUS, é o nosso Consolador... porque quando fazes algo com amor, aquela coisa torna-se leve... e a cumpres com alegria... como quando, depois de um dia de trabalho, estás cansado mas dedicas-te a brincar com os teus filhos..." Sorri ao pensamento das crianças a brincar... "O amor de DEUS é refletido nas crianças... e quantas verdades emergem dos seus lábios, muitas vezes de modo inconsciente, e quantas ações inspiradas por DEUS cumprem... Oh, as crianças, que extraordinária bênção... não se poderá nunca compreender a fundo o grande mistério que DEUS celou por trás dos mais jovens... Ele mesmo opera através deles... Pude intuí-lo apenas graças à graça que DEUS quis conceder-me, de fazê-lo compreender..." Para... um silêncio longo que Cornelio não ousa interromper. Depois Ágata retoma dizendo "quem sabe quantos acolherei no paraíso." É uma afirmação que Ágata interrompe quase de imediato, quase como quando te escapa algo que não querias... Cornelio, ainda silencioso, não ousa interromper Ágata mas ela sorrindo continua: "não te verei nunca Cristão enquanto estiver aqui, mas o meu sangue será semente na tua alma.." Cornelio diz "mas que dizes?" evidentemente deturpou o sentido da frase. Ágata sorri e diz "o Sangue de Estêvão converteu Saulo" sempre com o sorriso diz "escancarar-se-te-á o céu quando eu exalar o último respiro.." Coloca-lhe as mãos na cabeça "enquanto eu estiver diante de Jesus, revelar-se-te-ão os significados das minhas palavras." Cornelio pergunta "como fazes para saber estas coisas?" Ela diz "DIO sabe tudo. Quem o possui, possui tudo.. se aprendes a imergir-te nele, sem nenhum obstáculo ou impedimento.. não és mais tu que vives, mas ele que vive em ti... se te doas tudo ele te doa tudo". Cornelio "DIO vive em ti?" E ela rindo "não te disse talvez que somos templo do Espírito Santo de DIO? não te espantes da minha profecia... DIO revela e diz tantas coisas àqueles que o escutam sem ter outros pensamentos em mente, ou talvez tendo-os não os coloquem diante dele.. DIO fala, aconselha, dá ciência, intelecto, profecia.." (pouco a pouco elenca os dons do Espírito Santo.), "estes dons, DIO dá-os a todos, porque DIO fala a todos, mas nem todos o escutam.. porque a voz de DIO não grita.. inspira. DIO não te diz uma coisa gritando-a, como o mensageiro do rei, DIO inspira os teus pensamentos.. DIO quer que sejas tu a escrever a tua história, TU a agir e a mover-te, e portanto move-se sensivelmente.. e depois deixa fazer a ti". Para, deixa o tempo de recapitular as ideias que para um pagão devem ser verdadeiramente muitas... demasiadas... mas Cornelio não ousa perguntar. Ágata diz "um dia recordar-te-ás destas palavras. Desta pequena semente, partirá a faísca, com a qual te inflamará o teu coração.. com esta semente, tu farás germinar a planta irrigada pelo Santo Espírito de DIO".. toca-lhe o coração e diz "tem fé." Cornelio baixa o olhar, pega-lhe na mão e beija-a... muito delicadamente... como a uma filha e Ágata, demonstra não se incomodar.. embora não retribua. Cornelio, encontra uma desculpa para ficar sozinho. E diz: "quero que descanses. Amanhã será outro dia cansativo". Ágata sorri, não responde. Cornelio retoma "eu vou ali, tem pão e

água." Indica as bebidas apoiadas no murete. Ágata o abençoa e diz "a paz esteja contigo, homem sincero".

27. O ÚLTIMO ADEUS

Sentada num canto do cárcere Ágata está encolhida na semiescuridão. De repente ouve abrir a porta. Duas sombras entram no quarto. Ágata que no escuro não vê bem diz "quem é?" Mas uma das duas figuras murmura tirando as faixas do rosto "Ágata somos nós". São Costantino e Apolônia que entraram às escondidas com a colaboração de Cornelio. Ágata alegra-se e abraça-os forte!! "E Fides onde está?" "Não podíamos certamente trazê-lo aqui" Intervém Costantino. "Amigos meus pensava que não vos teria mais revisto nesta terra, graças Pai por esta graça totalmente inesperada". Intervém Apolônia que scrutando-a diz "Mas... Mas em ti não encontro feridas algumas e o seio é íntegro". "O apóstolo do Senhor veio na outra noite a curar-me, visto? Ele me curou totalmente como se tivesse saído agora do ventre de minha mãe, curou-me a alma mais do que o corpo e estou mais pronta do que antes". "Não pensas que devas ir?" Intervém Costantino. "Oh no, os prodígios do Senhor não aconteceram para me tornar uma pusilânime, as graças não acontecem nunca para si mesmos, se entra uma grande luz em ti depois tu a deves partilhar, a deves expandir, lembra somos sal da terra, para que serve o sal se não é salgado?" "Podes ser salgada também fora daqui". "Estou vivendo na minha pele os sinais do Senhor, as feridas e a dor, estou crucificada com ele e nele encontro repouso com ele na alvorada ressuscitarei, não te preocupes e deixa ir esta visão obscurantista humana, eu estou bem, fica tranquilo também tu". A voz de Cornelio rompe o silêncio, enquanto entra no ambiente. "Amigos, infelizmente o tempo é tirano. A sua presença está sob estrito controle, e se nos encontrarem aqui, arriscamos todos os quatro perder a vida." "Que seja! Quem se importa com estes fanfarrões!" Diz Costantino indispettito. E Ágata intervém "Não abrases o raciocínio primitivo das criaturas, não sejas tolo! Não permitas à tua teimosia assemelhar-se à do burro, não ajas como ser desprovido de intelecto! Por que razão deverias colocar em perigo a vida deste homem e dos seus afetos, só porque se demonstrou cortês contigo? Retribuir gentileza com indiferença covarde? E que fruto colherias de ser empurrado para o meu mesmo fim? Tens um caminho bem mais senhoril que se te apresenta, conjuro-te de não perder de vista esta realidade!" Apolônia ri pelo sonoro puxão de orelhas dado ao amigo "Não mudas nunca Zeus". "Conseguí nestes anos fazer-te ligar o cérebro à boca quase em cada ocasião Costantino, aguardo que tu consigas ligar também o coração!" Costantino anui! Apolônia abraça-a forte mal celando alguma lágrima e Ágata "não esqueças quem és, lembra-te de voar livre, é através do Getsêmani que se chega à ressurreição és e reterás sempre a minha irmãzinha, amo-te amica mia". Depois abraça-a Costantino, Ágata olha-o e ri "és um teimoso, mas quero-te um grande bem, és um tesouro irrenunciável, tu amigo meu és forte e tens uma grande missão, não o esqueças e mesmo se irromper a tristeza andai avante deixai que a esperança e depois a certeza movam as vossas ações, não esqueçais quem sois, não esqueçais quem somos". Desta vez é Ágata a mal celar as lágrimas. Os dois saem do cárcere e Ágata diz "Vemo-nos todos, espero-vos a Todos, preparar-vos-ei os melhores quartos". E ri.

28. NÃO VIVER DE REMORSOS

Logo após tê-los despedido Cornelio deixa Costantino e Apolônia fora do cárcere que vão a passo rápido, é ainda noite em Catânia e Costantino está inusitadamente silencioso. Apolônia pega-lhe repentinamente a mão bloqueando-o e quando ele se vira olha-o intensamente e diz-lhe: "o que tens?" Costantino tem um sobressalto no coração, Apolônia iluminada pela lua com aquele olhar tão profundo é verdadeiramente bela! "Fui capaz de me fazer repreender até na última vez, sou mesmo um idiota". Apolônia ri e também o seu sorriso iluminado pela lua é diferente. "É divertido?" Diz irritado Costantino. "Oh sim" responde rindo. "Ah bom para ti que te divertes enquanto eu dentro me consumo" vira-se e vai em frente a passo rápido. Apolônia permanece parada e direita diz em voz alta "Costantino para imediatamente, sabes bem que eu não posso correr!" Costantino para e vira-se enquanto de uma janela uma voz grita "que Júpiter vos fulmine o que tendes a gritar em plena noite?" Apolônia morde um sorriso entre os lábios mas depois com o mesmo tom impositivo mas em voz mais baixa diz "Aproxima-te!" Costantino aproxima-se. Ela retoma-lhe ambas as mãos e ele diz "tens frio tremem as tuas mãos". "Não tenho frio, vê se te concentras no que podes entender..." e sem dar-lhe tempo de responder prossegue "Se Ágata não te tivesse feito aquela repreensão teria sido um até logo enjoativo, falso, insípido, algo de ainda mais triste, ela não é assim, tu não és assim tu sabes, concentraste-te na repreensão e não no fato de que te disse que és um tesouro irrenunciável e... "aperta-lhe a mão ainda mais forte "tem razão és mesmo uma cabeça de mula" e sorri e deixa-lhe as mãos. "Como fazes para ser tão serena?" "Vivi os últimos anos com ela algo deverei ter entendido, não? Escuta-me! Ágata provavelmente terá um fim muito feio e sabe-o também ela mas disse-te 'eu estou tranquila' e estava-o de verdade, o está porque tem fé em Deus e tem fé em nós que entendemos verdadeiramente a sua mensagem e não tornaremos tudo vão, a mensagem do Senhor é voltar-se para a luz e tu agora não o estás a fazer, a mensagem do Senhor é a sua paternidade mas tu estás duvidando, eu duvidei até antes de entrar depois vi os seus olhos e estava serena e não tenho dúvidas mas como podes dar paz se não tens a paz?" Costantino então diz "Seis uma ótima educadora falar-me-ás ainda dela?" O olhar de Apolônia acende-se "Tu Ágata a tens aqui dentro (bate-lhe forte a palma no peito) e nunca ninguém poderá arrancar-ta, NUNCA!! Vibrará, arderá te queimará se não a tirares para fora mas não irá NUNCA EMBORA entendeste? Nunca! Ninguém poderá falar-te dela porque está em ti! Mas mesmo não entendes idiota? Tu a tens dentro! Se não deixas sair este fogo arderás por combustão interna e morrerás queimado mas se o deixas sair inflamarás o mundo!" "Tens-la também tu acabou de falar". Apolônia vira-se e olha o céu "é quase dia devemos ir..." e vão embora.

29. A ENFRENTAREI COM UM SORRISO

Apolônia e Costantino acabaram de ir embora, é de novo silêncio no cárcere, tudo cala, Ágata está sentada no chão e diz consigo mesma "coragem Ágata, se chegaste até a este ponto é também por eles". Olha as correntes e chora copiosamente, soluçando enquanto apoia a cabeça nos braços no chão. Cornelio entretanto retornado ao posto olha-a de fora, indeciso se intervir ou não. A cena dura por um bom bocado até que Ágata sem lágrimas se coloca de barriga para o ar a olhar o teto do cárcere com olhar vítreo. Aquele ponto Cornelio preocupado com a imobilidade de Ágata decide entrar: "tudo bem?" Ágata não se move. Cornelio aproxima-se para sacudir-lhe o ombro e ela finalmente vira-se "Se soubesse que te causaria tal

dor não teria nunca consentido ao pedido deles". "Estou bem, com as minhas lágrimas lavo a terra". Cornelio não deve ter entendido a alegoria da frase visto que roça o pavimento. "Tinhs dito a eles estar tranquila..." diz-lhe roçando os cabelos. "O sou por mim, tenho fé no que virá depois mas eles? Viste-o? Estava destruído e a minha Proserpina? quem cuidará dela? tão frágil". Cornelio senta-se e exclama "Deus". Ágata espanta-se e olha-o "disseste-mo tu, o teu Deus cuidará deles não? Curou-te a mama queres que não cure as almas deles?". Ágata estava estupefata, quase em transe olha-o enquanto se coloca de gatas perto dele e sussurra "a semente...". Ágata senta-se. "É desde que chegaste que me falas desta espécie de campos elísios a que estás destinada, posso acreditar que tu não possas dizer ao teu Deus para olhar os teus amigos de lá? Aliás olha, fala também de mim a ele, que já sou velho". Ágata responde "tu mesmo podes". "Mas eu quero que o faças tu e que fales a ele também dos meus filhos são jovens, têm muitas escolhas diante, soube que um dos meus filhos te fez mal, envergonhei-me muito, não é este o modo em que deve dar Glória a Roma, peço-te que o perdoes". "Não importa, já passou, Deus lhe mostrará o caminho não duvides, trará muita glória a Deus mais do que a Roma". O falar é muito lento e mesto. Ágata depois vira-se e diz "Amanhã o Cônsul me quer ver, esta poderia ser a última noite sabes?" Cornelio anui e diz "Estarei presente". "Por tanto tempo imaginei este momento hoje tenho a cabeça vazia, como se já pertencesse a outras realidades, vejo campos de trigo e posso já sentir o sol que aquece a minha pele". Cornelio interrompe-a e diz "minha cara fugaz amiga obrigado por estas noites, pelas palavras, pela confiança e pela reflexão, onde quer que vás desejo-te que estejas bem". Ágata sorri pela primeira vez depois da partida dos seus amigos e diz "prepara casa então poderei ir também em tua casa, Deus está em tudo e todos e depois não sou uma fugaz amiga, o que se liga na terra permanece para a eternidade". Cornelio abraça-a forte e ela diz "quero-te bem bom pai está certo que cada coisa pedida Deus ta atenderá e diz a teu filho quando se tiver arrependido que já foi perdoado, Deus é vida na vida não morte nas emoções". Entretanto, uma voz forte vem de longe "Papai onde estás? Hoje sou eu a dar-te a troca de turno". "Plinio?!" Diz Cornelio Espantado. E Ágata "que coisa curiosa, será mesmo ele a fazer de diretor ao meu último ato neste palco". Entretanto, entra Plinio que encontra ambos de pé no quarto, depois de alguns segundos de silêncio Cornelio sai batendo a mão no ombro ao filho em sinal de saudação e Plinio dirige-se a Ágata: "Nunca teria querido estar eu hoje...". "Que tu acredites ou não és um rosto amigo para mim, o máximo que posso desejar aqui dentro; portanto, estou contente assim". "Um rosto amigo eu? Fiz-te muito mal". "É verdade mas fizeste-me também muito bem e não o esqueci, nem esquecerei o que farás". Plinio recorda repentinamente que no passado, quando Ágata não era procurada, a tinha salvo de um assalto. Assim como se tinha encontrado a estar lá também uma vez quando ela para defender um homem pobre se encontrou a brigar com uns grandalhões arriscando ser espancada também ela. Os homens muitas vezes esquecem o bem recebido, Ágata não o tinha esquecido, não obstante dele, tivesse recebido também o mal. "Se pudesse libertava-te". "O meu lugar é aqui" e fita-o. "O que me queres dizer?" "Caminha sempre em frente, queima aquela página, fá-lo por mim, conheceste o amor é a graça, faz que passado e presente se abracem em harmonia, cavalgarás um corcel na constelação de Órion empunhando a flamejante espada Divina se apenas acreditares em quem és". Mas Plinio não compreende e diz: "o que posso fazer por ti?" "Reza". "Não sei rezar o teu Deus". "Oh mas tu não deves rezar o meu mas o teu Deus" e sorri dando-lhe uma palmada na bochecha. "Plinio! Traz a cristã, o cônsul está pronto" gritam de

longe. E Ágata "vamos, são várias noites que não durmo é tempo de voltar para casa, nos reveremos?" Plínio anui embora não compreenda a referência cristã ao Paraíso. E ela "conto com isso". "De que ris Cristã?" Intima o soldado recém-chegado com a cara séria. Ágata diz "deverias rir um pouco mais soldado, o sorriso torna mais bonitos todos". "Não há nada de que rir, estás para ir para a morte certa mulher". "Precisamente que sentido tem ir com o rosto lúgubre? A enfrento com um sorriso e com um pouco de piedade por quem não obstante a graça da vida não sabe rir". "Avançar" diz o soldado. "Avanço, Avanço, Avanço de toda a vida confia!" Depois baixa a cabeça e entra em silenciosa oração, permanecerá em silêncio até à presença de Quinziano. Cornelio morrerá pouco tempo depois dela mártir de Cristo. Plínio tornar-se-á um fervoroso Cristão amigo de Costantino. O soldado, por sua vez, terá alguma vez aprendido a sorrir? O soldado somos nós quando não nos damos conta da graça que Deus nos dá.

30. A MINHA HORA CHEGOU

Sob ordem de Quinciano, Ágata é reconduzida à sala magna. Passaram-se cinco dias desde o primeiro processo. Ágata aparece curada, fresca e fascinante. O seu passo parece o de uma noiva que se aproxima do altar: fiero, seguro, impregnado de alegria. Para exatamente diante do imperador. Usa roupas amarrotadas, amarradas no ombro, com um véu pousado na cabeça. O olhar está fixo nos seus olhos, não com um tom de desafio, mas com uma doçura que parece dizer: "Suplico-te, reflete; observa o que Deus opera. Arrepende-te." Quinciano rompe o silêncio. "Até quando te obstinarás a resistir às ordens dos potentíssimos imperadores? Oferece sacrifícios aos deuses, caso contrário sabe que sofrerás tormentos mais atrozes." Ágata mostra um sorriso breve mas eloquente. Parece já glorificada de tão bela e radiosa e responde "Todas as tuas palavras são tolas, vãs e iníquas, os teus comandos empestam até o ar. Por isso és mísero e sem intelecto. Quem de fato quererá invocar em sua ajuda uma pedra e não o verdadeiro e sumo Deus, que se dignou a curar-me todas as chagas por ti feitas a mim, e até a devolver ao meu corpo perfeitamente íntegra a minha mama?" Quinciano levanta-se de pé, e nota o que não tinha ainda notado, aproximando-se então, aponta o dedo contra o seu seio e sem ousar tocá-lo diz "quem te curou?" Ágata sem baixar o olhar ao dedo, levanta os olhos ao céu e diz "Gesù Cristo, o filho de DEUS". Rebaixa a cabeça e volta a olhá-lo nos olhos. Quinciano gira à sua volta absorto a observar como o corpo não só não está mais chagado mas está ainda mais belo do que antes. Os longos cabelos caem-lhe nos ombros, ela tem ombros esbeltos, eretos e fieros, o vestido amarrotado não a enfeia, pelo contrário, torna-a ainda mais bela. Ela por sua vez, não se vira para olhá-lo permanece fixa e imóvel, até quando ele completado o seu giro volta à frente dela e diz "ainda ousas nomear o nome de cristo?", queria talvez levar a multidão a acreditar que foi curada por algum missionário, mas a lógica sabe, que feridas semelhantes não podiam ser curadas por mãos humanas e especialmente em tão pouco tempo. Ágata move-se lentamente, quase com uma espécie de ritualidade. Fita o seu olhar nele e com voz tranquila e resoluta, mas sem qualquer temor, diz cada palavra com extrema lentidão... escandindo cada sílaba com uma atenção particular: "Eu confesso Cristo com os lábios e com o coração não cesso jamais de invocá-lo." Quinciano observa-a... e Ágata diz "Possuíste mamas de carne... fizeste-mas cortar, não te importando com a minha dor, e no entanto a carne desvanece, enquanto a alma é inexoravelmente imortal, graças a Cristo, a sua

salvação. Quem vive com ele, não conhecerá nunca o envelhecimento nem terá um encontro com a morte, pois a alma é perenemente imortal. Mas aqueles que persistem na obstinação... encontrar-se-ão a enfrentar a morte... eternamente." A indomável Ágata, obstinada, de quem Afrodísia disse "possui uma cabeça mais dura que o magma do Etna," Ágata, de quem Apolônia disse "boa como o pão e ardente como o vento," acabou de cumprir a sua definitiva confissão de fé. É a pedra angular sobre a qual apoia toda a sua vida e glória. Quinciano sentiu aquela lâmina inflamada que tinha acabado de encontrar voz através dos lábios de Ágata e pronunciou: "Vejam os se o teu Cristo te salvará." Ordenou que fosse despida das suas vestes e atirada nua sobre pedras ardentes e carvões incandescentes. Ágata disse "a mim o fogo terreno, que queima o corpo, a ti o fogo eterno que queima a alma... mas podes ainda arrepender-te..." Quinciano virou-lhe as costas e Ágata baixou o olhar. Restou naquela posição até que os cacos não estivessem prontos. Depois um soldado agarrou-a bruscamente e arrancou-lhe as vestes. Estendida sobre os cacos, foi amarrada e o som de gritos e orações começou a fazer-se ouvir: "Senhor, meu refúgio e minha salvação, minha rocha em quem confio". "ele é a minha rocha, a minha salvação, a pedra sobre a qual construí a minha morada e não desmoronará". os soldados atiraram-lhe em cima o véu para cobrir-lhe a nudez e repetia "não mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim.." e entre gritos e berros ouve-se "piedade Pai... por mim... por eles". De repente um violento terremoto que faz desabar uma coluna esmagando um homem, enquanto alguém foge, e outros rebelam-se contra o tirano que é obrigado a fugir.

31. A menina que se tornou borboleta

Ágata é levantada das brasas ardentes por cidadãos benevolentes. Estando nua, se não parcialmente coberta pelo seu véu na parte inferior, um manto de homem piedoso a envolve. Depois, levada para o cárcere... O aspecto de Ágata é assustador, o corpo em parte carbonizado. A sua força é exígua, apenas suficiente para respirar. Uma mão gentil levanta-a levemente, acariciando o seu rosto, é o de Cornelio. O gesto é retribuído por um olhar de bênção. Ágata permanece silenciosa, sem palavras. O seu olhar parece voltado para cima, mas a sua atenção está voltada para outro lugar, imersa numa oração interior. Só a sua alma e Deus podem compreender o conteúdo daquele terno diálogo. Ainda Cornelio aproxima-se com um pano embebido para molhar-lhe os lábios. A água dá-lhe conforto. O seu olhar benigno desce sobre aquele homem, trazendo consigo a bênção divina. Ágata está ainda envolta pelo manto do homem. Embora o roçar do tecido na pele lhe provoque dor nas feridas, a sua modéstia a empurra a apertar-se sempre mais àquela roupa, como se fosse o conforto dos braços maternos. Assim procede o tempo da sua agonia, entre um gesto e outro, entre um olhar afetuoso e outro. Ágata consome os seus últimos momentos. Depois de cerca de duas horas, começa a perceber que a sua vida terrena está chegando ao fim. Com grande custo, sussurra: "Senhor, que me criaste e protegeste desde a infância, que me deste força na juventude, que me afastaste do amor do mundo, que preservaste o meu corpo da contaminação, que me permitiste suportar os tormentos do executor, entre ferro, fogo e correntes, que me conferiste a virtude da paciência através dos sofrimentos. Peço-te que acolhas agora o meu espírito, pois chegou o momento que eu deixe este mundo por teu comando e me reúna à tua misericórdia." Enquanto pronuncia estas palavras, Ágata começa a

ofegar, emitindo um grito intenso, dilacerante no ar. Parece incrível que daquele corpo, que pouco antes tinha produzido apenas um sussurro apenas perceptível, possa brotar um grito tão potente. Assim que emite o grito, liberta o seu espírito... sob os olhares comovidos dos fiéis.

32. UMA ENTRADA TRIUNFAL.

A morte de Ágata, embora no suplício da dor, foi o quanto de mais suave jamais visto antes, o mesmo Jesus e sua mãe, vieram acolher a alma da santa, para conduzi-la aos altares elevados do céu. Ágata caminhava num feixe incrível de luz, anjos à direita e à esquerda aclamam a sua entrada com músicas incríveis e melodiosas: "bem-aventurado quem une o próprio sangue ao do cordeiro" cantavam. Em uma melodia impossível de exprimir com voz humana. Ágata parou diante do trono de DEUS, e ajoelhando-se começou a rezar, pelos seus perseguidores e pelo povo Catanense, agradecendo-lhe por tê-la feito cristã. Um anjo, colocou sobre a sua cabeça uma coroa (creio de louro). Naquele momento a Santa Virgem disse "Bem-aventurados vós quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem e vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como scelerato, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque, eis, a vossa recompensa é grande nos céus. Do mesmo modo de fato faziam os seus pais com os profetas.", Ágata, estava absorta numa oração de agradecimento e humilíssima não ousava levantar os olhos para a majestade celeste, Jesus disse a partir deste momento o teu nome será "Mentem Sanctam Spontaneam Honorem Deo et patriae liberationem" e mostrou-lhe a famosa tabuleta, que os anjos puseram no seu sepulcro. Impossível descrever a expressão alegre, mas humilde de Ágata. Jesus disse-lhe "o teu Sangue é a semente que irriga, o nascimento de novos cristãos, e Catânia, florescerá resplandecente graças ao teu sacrifício", mostrou-lhe as festas de Santa Ágata de todos os anos vindouros até ao fim do mundo, Ágata, pôde ver assim tanto a devoção sincera de alguns devotos, que usavam ela para se aproximar de Cristo, tanto todas as infâmias e as coisas não gradas a DEUS que se cumprem nesta festa e se cumprirão especialmente nos últimos tempos. Conheceu o nome de todos os devotos aos quais ela teria particular patrocínio E todos aqueles que vestiriam o saco de maneira sincera E rezou por eles. O Senhor mostrou-lhe também o fim que estava tendo o seu perseguidor Quinciano, Vi o rosto de Ágata triste, porque uma outra alma explorou a graça de DEUS, para ofendê-lo em vez de render-lhe louvor. Entoou num canto magnífico um hino de louvor.

33. A primeira festa de Santa Ágata

Quando foi dada a ordem de lançar Ágata à fogueira, a gente, que sempre tinha feito barulho e que os soldados custavam a manter a freio, também com a violência insurgiu. Era o seu povo, o povo de Ágata, "os pobres de coração rico" como os chamava ela, aqueles que riam e brincavam, aqueles genuínos, aqueles que a protegiam e a amavam porque era a "pequenina". O povo, aquele povo, não os ricos, os nobres e os poderosos não pôde mais ver abusos à sua "pequena", e ao grito de "noli tangere Agatha", não tocar Ágata, entrou onde estava a fornalha, os soldados não podiam contê-los. Tiraram "a pequena Ágata do fogo" para levá-la em segurança, enquanto o Etna dava abalos ao terreno. Quinciano pensou bem em fugir daquela revolta, pegou o seu cavalo e foi o mais longe possível, foi alcançado por alguns Catanenses

que puseram fim a tudo, lançando-o no Simeto. Entretanto, a pobre Ágata morreu, olhava o povo que tinha chamado, aquele povo que o cárcere não podia conter, a multidão que saía até fora das muralhas, aquele povo que estava rodeado todo ali, ao redor da sua "Ágata". Quando Ágata exalou o último respiro, o povo o seu povo a quis levar para fora de lá, a sua pequena merecia respeito, merecia o aplauso. Levantaram o seu corpo no ar, tendo-a no alto, triunfante e quando um soldado diante das portas se pôs à frente e disse "Onde pensam levá-la", Cornelio, o soldado bom, que a tinha ajudado nas últimas noites respondeu: "É uma nobre cidadã Romana, damos-lhe o tributo que merece". O soldado deixa-os passar. Saindo do cárcere todo o povo levanta o corpo ainda mais alto (não tendo mais os telhados baixos do cárcere) numa ovação. "É Viva Ágata", "Ágata é viva" com estes gritos de júbilo começaram a levá-la para a sua casa "Somos todos Ágata", "Ágata está conosco". A enorme multidão entre choros, gritos, levou Ágata para baixo da sua casa, na atual Civita. Sua mãe junto com Apolônia está lá a assistir ao rito fúnebre, não via a filha desde as primeiras fases do processo portanto vê-la assim horrivelmente dilacerada e queimada foi para ela um suplício terrível, começou a chorar e a gritar, amparada por Apolônia. Depois vieram os anjos que trouxeram a tabuleta e começou a espantar-se do que estava acontecendo e começava a gritar "É minha filha... é minha filha... esta é minha filha e gritava entre alegria comoção... "Está no paraíso... eu sabia... é tudo verdade !! É ela É ela". Lágrimas e alegria, e estupor Apolônia não acreditava nos seus olhos do que estava acontecendo, de fato o primeiro verdadeiro prodígio de Ágata depois da sua morte. Onde as escravas de família lhe lançavam pétalas. Também Apolônia e a mãe de Ágata desceram e entre as lágrimas também elas gritaram "É Viva Ágata". E à passagem do corpo, entre lágrimas e comoção, a gente curava-se, a gente amava... Levaram de volta Ágata às catacumbas (perto da atual zona da Feira). Levaram-na para baixo nos subterrâneos e apoiaram o seu corpo num plano de mármore, a trégua dos soldados, assustados pela multidão unida não duraria por muito. Nos escuros cuniculos repletos da civilização Catanense, todos acenderam um lume e em oração tinham iluminado como dia as catacumbas. Ágata já estava a trazer a luz. Depois de ter rezado por um bocado a gente deixou lá Ágata à espera do sepulcro, com o qual fariam o rito fúnebre e no qual os anjos deixaram a tabuleta "MSSHDPEL" É Viva Santa Ágata.

35. A VIDA APÓS A VIDA

A mãe de Ágata morreu dois anos depois da filha, era assistida por Apolônia e outros parentes quando em ponto de morte no quarto lhe apareceu Ágata, obviamente só ela podia vê-la e não tendo a força de falar a indicava com o dedo. Apolônia, virou-se para o mesmo lado indicado pela mãe de Ágata e embora sem vê-la olhava nos olhos Ágata (a mística união de duas amigas). Ágata aproximou-se da mãe e disse-lhe "Estás pronta? Papai te espera, assim estaremos todos juntos de novo e para sempre". A mãe de Ágata anui e depois de ter rezado pegou-lhe as mãos e disse "Sofreste bastante, é tempo de gozar com Cristo" e levou-a consigo... a Mãe de Ágata morreu sob os olhos dos parentes mas só Apolônia intuiu vagamente o que estava acontecendo.

O tio de Ágata, o irmão de seu pai, teve um papel na traição de Ágata. A sua "rebelião" era demasiado audaz, e considerando a nobreza da família que gozava de boa reputação na

cidade, a aberta adesão de Ágata à fé cristã projetava uma imagem negativa sobre eles. Decidiu, portanto, denunciá-la na morada de San Giovanni Galermo, tentando atrair a atenção do imperador. No entanto, com a morte do tio, uma série de eventos extraordinários começaram a suscitar mudanças na sua atitude. A partir dos anjos que apareceram no túmulo e do primeiro terremoto que se aplacou milagrosamente, um ano depois juntaram-se as peregrinações rumo ao túmulo de Ágata. Com o tempo, o tio aproximou-se do bispo de Catânia, indo nas criptas sob a igreja de San Gaetano alle Grotte na Feira, para tentar compreender melhor a fé dos Cristãos e tentando entender o que estivesse fazendo a sua sobrinha. Com o passar do tempo, ele gradualmente converteu-se, e Ágata tornou-se o seu farol espiritual, conduzindo-o rumo ao caminho do paraíso (a grandeza da Misericórdia Divina). No dia em que se submeteu ao batismo, ele sonhou Ágata num jardim, um sorriso nos lábios, e ela disse-lhe: "Estou feliz que tenhas chegado também tu... esta é a morada de todos." Embora o tio tivesse desejado exprimir as suas desculpas, o sorriso radiante de Ágata tornava supérflua qualquer palavra de arrependimento.

Apolônia A sua amiga e coetânea, aquela que viveu em estreito contato com Ágata, foi testemunha da glorificação de Ágata. Foi presente nos primeiros momentos das peregrinações, dos milagres e da fama que se difundia em toda a Sicília. A sua vida foi marcada por sofrimentos, e também o seu fim chegou com grande dor. A sua humildade era tal que nunca revelou ao mundo a intensidade da sua amizade com Ágata. Quando visitava o túmulo da amiga, colocava-se na fila entre os peregrinos sem procurar atenções especiais. Apolônia viveu longamente, mas a sua vida foi acompanhada por sofrimentos, e as suas orações eram frequentemente dirigidas a Ágata: "Suplico-te, Ágata, se o meu momento chegou, vem... não aguento mais... não consigo mais... peço-te..." Quando esteve perto do fim, Ágata apareceu-lhe perto da sua cama, dizendo-lhe: "Irmãzinha, pensas que te tivesse esquecido? Na realidade, desejava ardentemente este momento..." As palavras de Ágata chegaram enquanto Apolônia estava para expirar, e ainda Ágata falou: "Lembras quando éramos meninas? Disse-te que estávamos todas convidadas para o castelo de Deus e que cada uma devia empreender o próprio caminho, mas o importante era reencontrar-se lá. Lembras-te?" Apolônia baixou a cabeça, respondendo com um sussurro: "Sim, lembro-o." Ágata continuou: "Pois bem, chegou o momento. O quarto está pronto, e a tua batalha acabou, triunfaste, irmãzinha. Agora vem comigo." Com as mãos juntas, como para se unir à cerimônia dos defuntos, Ágata ajudou-a a levantar-se, e juntas elevou-se. A imagem das duas destacava-se sobre o corpo de Apolônia enquanto de mãos dadas iniciavam a sua viagem. Uma emoção extraordinária libertou-se de tudo isto.

Costantino, o outro elemento da comitiva de Ágata e o mais pequeno de todos (era de fato um ano mais pequeno que Fides) permaneceu em vida depois de todos, contribuindo de fato para a difusão do culto Agatino, incansável narrador, junto com Plínio dos feitos heroicos de Ágata. Um culto que voou nos séculos, inumeráveis foram nos anos os devotos de Sant'Agata, iniciando por Euplio e Lucia para os tempos mais recentes do Cardeal Dusmet, até aos dias de hoje, aquele fogo nunca acabou. Os contos que nasceram ontem, que cresceram nos anos e que nunca morrerão. De pai para filho, a chama de Ágata arde no coração dos seus devotos e nunca mais se apagará.

Este escrito é dedicado a ti Ágata, que me criaste como uma mãe, chocaste como um pintinho, educaste como um parvo. A ti que soubeste esperar-me, perdoar-me, amar-me, a ti que me inspiraste o amor e a vontade de te conhecer, a ti que me fizeste conhecer a mulher que amo e a quem agradeço pelas correções, pelo afeto, pela incitação a escrevê-lo: Floriana. Obrigado minha amada Ágata. Mão na mão contigo chegaremos todos ao grande castelo de Deus do qual nunca mais nos separaremos. O teu filho pródigo